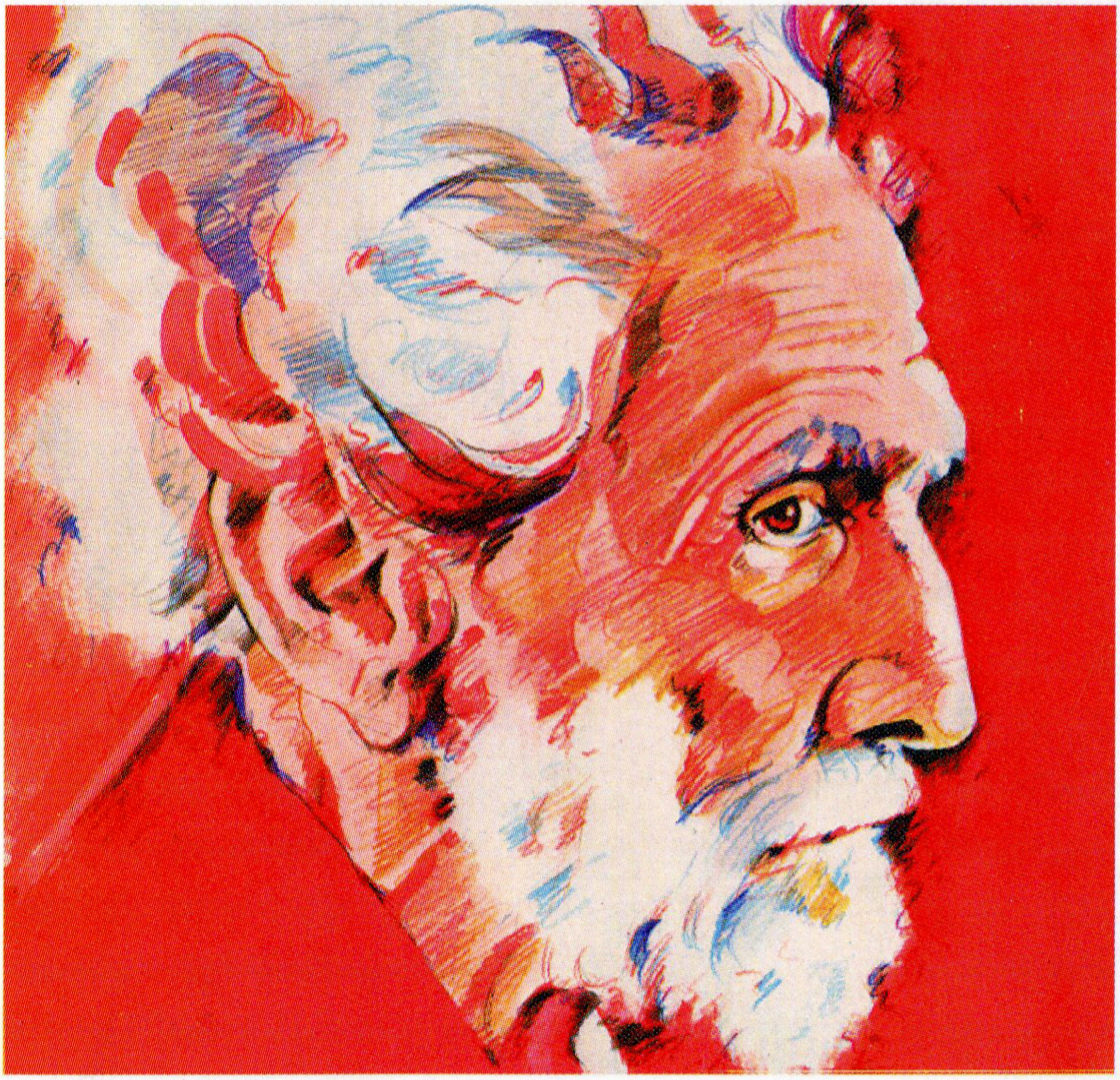
EZRA POUND

ESTA É A VOZ DA EUROPA

Alocuções na Rádio Roma 1941-1943



HUGIN

EZRA POUND

ESTA É A VOZ DA EUROPA

Alocuções na Rádio Roma
1941 - 1943

HUGIN
1996

Esta é a voz da Europa

de Ezra Pound

Editor: Hugin Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12
Email: hugin@esoterica.pt

Tradução: António Carlos Rangel

Selecção de alocuções publicada na revista «La Destra», nº 3, 1976

Ilustração da capa: Enrique Ortega

Composição e maquetagem: Hugin Editores, Lda.

Impressão, montagem e acabamento: Rolo & Filhos, Lda.

Distribuição: Diglivro, Lda.

ISBN: 972-8310-12-9

Depósito Legal: 101635/96

Primeira edição para a língua portuguesa: Julho de 1996

Colecção
DISSIDÊNCIAS
2

© 1996, Hugin - Editores, Lda. para a língua portuguesa

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

PRÓLOGO

A VOZ DA EUROPA

Ezra Loomis Pound, talvez o escritor que mais influiu no desenvolvimento da Literatura inglesa do século XX, nasceu em Hailey, Idaho, Estados Unidos, em 1885. Depois de uma vida agitada, morreu em 1972 em Veneza, na Itália que tanto amou.

O caso de Pound é, com toda a probabilidade, o mais tipicamente ilustrativo da crueldade desta época de desconcerto. Da pior das crueldades. Da crueldade intelectual. Do ódio ao pensamento; do desprezo pela Cultura. Ódio e desprezo que geraram o assassinato de García Lorca e o linchamento legal de Ezra Pound. Linchamento que se levou a cabo, não em razão dos seus escritos, mas das suas opiniões, verbalmente expressas através das ondas de Rádio Roma no decurso da última conflagração mundial.

Depois de estudar na Universidade de Pennsylvania e no Hamilton College, ampliou os seus estudos na Europa, onde adquiriu a convicção que a poesia «é um ofício que requer inteligência activa», iniciando as suas actividades docentes e de descobridor de talentos. Não recordamos outro escritor que, como Ezra Pound, tenha encorajado tantas figuras importantes da Literatura. Com efeito, como editor estrangeiro da revista *Poetry,* de Chicago, trouxe às suas páginas escritores da categoria de William Butler Yeats e Robert Frost e publicou o primeiro trabalho de Thomas Stearns Eliot. Graças à sua influência e até contra o parecer de editores e livreiros, foram publicados *Retrato de um Artista Adolescente* e, sobretudo, o famosíssimo *Ulisses,* de James Joyce, assim como *Tarr,* de Wyndham Lewis.

Mas o seu trabalho em prol da Literatura não ficou por aí. Se ajudou a que fossem promovidos novos e indiscutíveis valores, também foi notável o seu trabalho de revalorização de figuras e obras esquecidas; injustamente esquecidas pelas «modas», pelas tendências ou, simplesmente, pela trivial superficialidade humana. Por exemplo, escritores como Firdusi, Enrico Pea, Scarfoglio e outros italianos, ou o francês Laforgue.

Com os seus compatriotas Amy Lowell, Doolittle e Fletcher e os ingleses D. H. Lawrence, Aldington e Flint, fundou o Movimento Imaginista Poético, surgido como uma reacção contra as tradições excessivamente românticas e acarameladas da literatura classicista vitoriana. Em 1914, nas vésperas da I Guerra Mundial, Pound escreveu a primeira Antologia Imaginista.

Os seus principais poemas são *Homenagem a Sexto Propércio,* em que descreve o crepúsculo do Império romano, e *Hugh Selwyn Mauberley,* em que, a partir de outro ângulo, fala da decadência do Império britânico. Mas a sua principal contribuição para o tesouro da Grande Literatura são, sem dúvida alguma, os seus *Cantos.* Aí, Pound, tal como Joyce, demonstra quão artificial, quão *demodé,* é a velha separação entre verso e prosa. Diferenciação que pode admitir-se no formal, tão só, mas não no essencial. Partindo da *Odisseia,* das *Metamorfoses* de Ovídio e da *Divina Comédia,* Pound desenvolve uma cosmogonia autêntica, isto é, expressa a sua visão da formação do Universo.

Os *Cantos,* num total de cento e dezassete, foram iniciados em 1917 e terminados em 1968. Os *Pisan Cantos,* publicados em 1948, foram escritos em 1945 e 1946, quando o poeta se encontrava no cárcere - um cárcere norte-americano instalado na Itália - e valeram-lhe o Prémio Bollingen de Poesia. Homem de cultura universal, Pound utiliza nos seus *Cantos* os principais idiomas ocidentais e o chinês, que dominava tão bem como o árabe. Naturalmente predomina o inglês, a língua materna do poeta, mas abundam as expressões em provençal, em grego, latim, francês, castelhano e, especialmente, em italiano; a razão disso, segundo Pound, é que em cada idioma foram expressas ideias, rimas, sentenças, em forma tão redonda, tão definitiva que, não sendo possível melhorá-las, só poderão ser citadas como foram concebidas no idioma original ou no idioma em que foram «pensadas». Em tal sentido, os *Cantos* formam uma verdadeira antologia de tudo o que no Oriente e no Ocidente, sobretudo no Ocidente, foi poesia, conhecimento e pensamento.

Importantíssimo é também o trabalho de Pound como tradutor. Iniciou-se nesta tarefa vertendo para o inglês moderno textos do *old english,* «velho inglês», falado pelos ilhéus dos séculos VII a XI; logo depois dava a conhecer no Ocidente textos japoneses e chineses *(Cathay,* e, particularmente, a antologia clássica definida por Confúcio) e, finalmente, os *Poemas de Amor do Antigo Egipto.* O seu conhecimento do provençal, para ele a língua poética por excelência, era profundíssimo, e vários poemas dos *Cantos* foram escritos nessa língua-romance.

Tão-pouco podem omitir-se as suas *Cartas* e os seus *Ensaios Literários,* publicados em 1954, quando estava num cárcere norte-americano.

Dissemos, e não será ocioso repetir, que a maligna crueldade e estupidez da época cevou-se neste homem genial, neste autêntico «fora-de-série» da literatura contemporânea. O motivo político foram as suas *Conversações Radiofónicas* que traduzimos agora para português. Os falhanços da política e da economia norte-americanas nos tempos de Roosevelt fazem com que Pound apoie teorias económicas e regimes políticos que o tornam muito impopular entre a *intelligentzia* do seu país, entendendo como tal o círculo intelectual dominante e influente, ainda que não necessariamente a sua elite. Escreve um opúsculo, *Jefferson e Mussolini,* laudatório para os dois estadistas, mas que não agrada no seu país, ou não agrada à tal *intelligentzia,* e que virá a acarretar-lhe mais acusações.

Em 1930, depois de ter vivido muito tempo em Paris, Pound instalou-se na Itália. Um homem como ele não podia permanecer indiferente aos grandes problemas e às grandes correntes políticas do seu tempo. Nem o mais grosseiro e sectário dos adversários do poeta poderá pretender que foram razões ideológicas que o levaram a ir viver para Itália. As razões foram puramente artísticas, ainda que seja certa a sua sedução por Mussolini, sobretudo no que se refere ao aspecto corporativista e antimaterialista da sua doutrina político-económica. Por tal motivo, em 1939, através de Rádio Roma, fez várias alocuções dirigidas ao seu povo e à Inglaterra, em que reclamava a abertura de negociações de paz. Em Dezembro de 1941, quando os Estados Unidos entraram na guerra, tentou, sem o conseguir, regressar ao seu país. Mas as autoridades norte-americanas puseram obstáculos a esse projecto. Exasperado, reencetou as suas conversações radiofónicas, de inspiração tão pacífica como anti-rooseveltiana. Segundo as mesmas, a responsabilidade da guerra fratricida entre os povos brancos correspondia, prioritariamente, à Finança, a que ele chamava *Usurocracia.* Mas não era o único em tal apreciação. Pelo contrário, poderá dizer-se que estava excelentemente acompanhado. Por exemplo, Sir Frederick Soddy, um inglês laureado com o Prémio Nobel, quando tal galardão não tinha tão politizado como agora. Enquanto Soddy fazia alusões discretas a conceitos como «Finança» e «Usura», Pound citava nomes e apelidos. Haveria de pagar, usurariamente, tal precisão.

Quando as tropas norte-americanas chegaram ao norte da Itália, Ezra Pound foi feito prisioneiro. Ignorava ainda os ódios que a sua postura política tinha suscitado nos Estados Unidos. Como frequentemente acontece em tais casos, os seus compatriotas trataram-no ainda pior que aos inimigos estrangeiros. É a sina dos «traidores», pois sempre se é «traidor» de alguém, e a adjudicação desse estigma é atribuída invariavelmente pelo vencedor. Pound não foi apenas encarcerado, conheceu o suplício. De início esteve numa cela de castigo, totalmente às escuras, a pão e água. Mais tarde, antes de ser julgado, foi transferido para uma cela de condenado à morte. Posteriormente, encerraram-no numa jaula com barras de ferro que foi levada para o meio dum campo e aí abandonada à intempérie. O populacho dos arredores desfilava na sua frente para o insultar e lhe cuspir. Finalmente foi levado para outra cela onde passou vários meses completamente isolado, antes de ser enviado noutra jaula para os Estados Unidos.

Depois de submetido a uma comédia de processo político, os seus juízes declararam-no mentalmente incapaz de ser julgado e ordenaram a sua reclusão no hospital psiquiátrico de Saint Elizabeth, em Washington. Continuou a escrever na prisão (para qualquer pessoa dotada de alguma sensibilidade e de bom senso, é evidente que para o poeta o asilo psiquiátrico equivalia a uma prisão). Os adversários das suas ideias políticas organizaram uma violenta campanha contra a sua libertação. Haveria de esperar até 1958, ano em que, graças à intervenção de vários escritores amigos, especialmente Ernest Hemingway, Pound foi, por fim, autorizado a abandonar o asilo. A sua primeira decisão ao sair para a rua foi abandonar os Estados Unidos e regressar à Itália, país que desde há muitos anos era a sua pátria adoptiva. Imediatamente depois de chegar declarou à imprensa que, finalmente, estava livre de um manicómio povoado por cento e oitenta milhões de habitantes...

A seguir, treze das conversas de Ezra Pound através dos microfones de Rádio Roma. Observar-se-á que, com alguma frequência, a transmissão é interrompida por questões técnicas, pelo que certas frases, cortadas, ficam sem sentido. Essas interrupções estão assinaladas com o signo (...). De qualquer modo, com ou sem interrupções, o leitor poderá julgar se os textos de tais conversas seriam merecedores da histérica ferocidade de que fizeram gala os seus juízes e carrascos.

J. B.

PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE POUND E O FASCISMO

As conversações radiofónicas de Ezra Pound em Rádio Roma começaram, supõe-se, entre Abril e Maio de 1941[1].

Desde tempos antes, o poeta tentava colaborar activamente com os órgãos de imprensa e propaganda do regime fascista, mas sem grande sorte. Entre 1936 e 1938 alguns dos seus escritos apareceram em *La Vita Italiana* de Giovanni Preziosi, na *Revista Monetaria* de Giuseppe Bevione, Francesco Spinedi e Furio Lenzi, assim como no *British-Italian Bulletin,* suplemento mensal de *Nostra Italia,* órgão dos Fascios Italianos das Ilhas britânicas. Em 1939, Pound começa uma colaboração regular com o semanário literário *Il Meridiano di Roma*[2] de Cornelio de Marzio, ao mesmo tempo que os seus artigos vão sendo publicados no *Diario di Genova* e no *Livro e Mosquete*[3], órgão do G.U.F. de Milão.

---

[1] Niccolo Zapponi, *Ezra Pound e o Fascismo* (em História Contemporânea, sem. 1973, pág. 463). Sobre Ezra Pound veja-se o número especial de *La Destra* (Novembro-Dezembro de 1972) dedicado ao poeta, com escritos de Borges, Butor, De Rachewitz, Eliot, Hemingway, Joyce, Papini, etc.

[2] Niccolo Zapponi, *op. cit.,* pág. 465.

[3] Noel Stock, *A Vida de Ezra Pound,* London Rutledge & Keegan Paul, Londres, 1970, pág. 384.

As grandes revistas e os mais importantes diários da Itália fascista não dão acolhimento aos escritos de Pound nem a escritos sobre Pound. A cultura oficial italiana ou não o conhece, ou conhece mas não o estuda; ou então acolhe-o como um fenómeno *per se,* que se pode observar e até admirar, mas dificilmente compreender. O fascista Pound é, em suma, um corpo estranho na Itália fascista; como o poeta Pound o é na poesia e na cultura italianas.

As razões são numerosas e complexas, mas não obscuras. Em política, o «fascismo» de Pound tem origens e objectivos diferentes, se não de todo estranhos, do fascismo de Mussolini ou de Gentile. Pound acredita ver no Fascismo a realização, ou melhor, o princípio da realização das suas ideias político-económicas inspiradas por economistas heterodoxos, o inglês Clifford Hugh Douglas e o alemão Silvio Gesel[4] que, nos regimes fascistas e «nazi» não tinham obtido qualquer audiência; ideias que estão, sobretudo, ligadas a um filão da experiência moral-religiosa americana que vai desde Henry Adams aos *hippies,* sem desmentir todos os movimentos messiânicos e utópicos do Novo Mundo. A condenação da «usurocracia», os anátemas lançados contra bancos e banqueiros, a oposição «ouro-trabalho», derivam, não da cultura oficial americana, que conduziu à sociedade de consumo e à conversão da Arte numa mercadoria, mas de uma cultura menor, paralela à oficial, ora subterrânea ora emergindo à superfície. Essa cultura que Pound, por outro lado, tenta individualizar e definir através de grupos de políticos, escritores, moralistas e economistas[5] é de sinal protestante, ainda que herético relativamente ao protestantismo dominante. Não conduz ao capitalismo, segundo a célebre fórmula de

---

[4] A esse respeito veja-se principalmente: Ezra Pound, *Trabalho e Usura,* Scheiwiller, Milão, 2ª edição, 1972; Ezra Pound, *Cartão de Visita,* Scheiwiller, Milão, 1974; Niccolo Zapponi, *op. cit.*

[5] Ezra Pound, *Cartão de Visita* e *Trabalho e Usura.*

[6] Mircea Eliade, *Paraíso e Utopia: Geografia Mítica e Escatologia* e também *Nostalgia das Origens,* Gallimard, Paris, 1971; tradução italiana em *La Destra,* Outubro de 1972.

Weber, opõe-se ao mesmo, ou, pelo menos, a certas «degenerações» suas, e é o movimento de nostalgia de um novo Eden[6] a edificar ou a reedificar no futuro.

Segundo esta visão, a economia é uma expressão da política, mas a política é, ou melhor, deve ser, uma expressão da moral. A usura, nesta linha cultural, e para Pound, que à mesma adere, não somente arruina os Estados como corrompe os homens e o Homem. O equilíbrio económico, pois, depende da visão moral e tem consequências no campo moral.

Não é um acaso que os escritos económicos de Pound pertençam mais ao género do sermão que da análise científica. Também quando a ciência - e continuamos a referir-nos à «não oficial», à «alternativa» - faz a sua aparição, o «tom» continua a ser o terrífico-edificante do predicador com divagações proféticas[7].

O inferno «secularizado», é a guerra (the war) provocada pelos malvados e destinada aos malvados, que recusam escutar a Boa-Nova económico-moral que o Novo Mundo prepara, a Vida Bela (the good life). E os profetas, também eles secularizados, chamam-se Chesterton, Santayana e Pound, naturalmente, poetas-profetas de uma tradição consolidada que concorda perfeitamente com a sua função religiosa.

Religião que, fique bem claro, é igualmente alternativa da oficial, que nem sequer se reconhece como religião, mas que também não deixa de sê-lo. Neste sentido, Pound adere ao mais vasto movimento de secularização da religião que irrompe na cultura tanto das direitas como das esquerdas, na primeira metade de novecentos. Concluindo que, segundo o grito-sentença de Nietzsche, «Deus morreu», os homens regressaram ao politeísmo, voltaram a descobrir os deuses e os

---

7. Nas conversações radiofónicas também o tom da voz, segundo o testemunho da filha, era de predicador: «Parecia ter duas vozes; uma, furiosa, sardónica, por vezes estridente e violenta para conversações pela rádio; a outra, tranquila, harmoniosa, heróica como a de Homero...» (Mary de Rachewitz, *Discrições*, Rusconi, Milão, 1973, pág. 190).

evangelhos na política, transformada agora num substitutivo da religião.

Para Pound, é claro, a política, juntamente com a economia, substitui, submete a religião enquanto expressão da moral; de certo modo, pertence também à arte. Pound é, acima de tudo, um moralista; a sua poesia tem também uma finalidade didáctica e edificante e, com muita frequência, as acentuações do predicador. Um dos seus grandes modelos é Dante, poeta civil e moral; e outro é Confúcio. Sobre este, escreve: «Nenhum filósofo foi tão consciente como ele das bases éticas necessárias à organização estatal»[8]. A ética, por conseguinte, vem antes da política; melhor ainda, é a base da política. E a arte tem confins imprecisos, tanto em relação a uma como à outra. Na sua tradução do *Ta Hsio* escreve: «A finalidade desta edição é apresentar um livro útil àquele que trabalha num gabinete estatal; além disso, pretende participar na melhoria intelectual: com a exposição não apenas de uma doutrina, mas de um método»[9]. A arte, pois, representa doutrinas e elabora métodos; deve ser «útil» também nos gabinetes estatais, e deve promover «melhorias intelectuais».

O artista, portanto, não pode subtrair-se ao direito-dever de intervir nas disputas políticas. Depositário da moral sob a forma da arte, espera conseguir que a política não viole a moral; profeta, repleto de sabedoria, deve pôr em guarda o povo (a sua Igreja) contra os perigos e, além disso, indicar o futuro possível e feliz, os paraísos terrestres ao alcance da mão e da vontade.

Com a imprudência, a temeridade, o fragmentarismo visionário do «louco», Pound faz tudo isso nas suas conversações radiofónicas. O poeta do mundo moderno, tal como ele o entende, não pode ser senão «louco», por ser «diferente»; de resto, segundo a *vox populi*, o «louco» é também o que foi «tocado» pelo Espírito, que paga a sua arte profética com a perda da técnica lógica, perda que, por outro lado, embora não a única ou a melhor, é uma das tantas técnicas para atingir a verdade.

---

[8] Ezra Pound, *Obras Seleccionadas,* Mondadori, Milão, 1970, pág. 429.
[9] *Ibid. id., op. cit.*
[10] Noel Stock, *op. cit.,* pág. 256.

As conversações começaram, como já disse, na primeira metade de 1941, quando Pound já reside na Itália há mais de três lustros; chegou a Rapallo procedente de Paris em Outubro de 1924[10]. É fascista ou filo-fascista desde então, ou quase. Em 1926 escreve: «Pessoalmente tenho uma boa opinião de Mussolini. Posto ao lado dos três últimos presidentes americanos, dos ministros ingleses, etc., a comparação seria um insulto. Se os intelectuais não o apreciam é porque não têm a menor ideia do que é Estado e governo, como não têm um grande sentido dos valores. E, de resto... que intelectuais?[11]

Contudo, para conseguir falar na rádio fascista vai travar uma verdadeira batalha: numa carta de 1957 fará alusão a «dois anos de insistências e intrigas»[12]. A sua oferta não é aceite imediatamente nem suscita grandes entusiasmos. O S.I.M., consultado pelo Ministério de Cultura Popular, exprime sem rodeios «um parecer contrário à oferta de colaboração», insinuando que poderia ser «motivada por segundas intenções»[13].

Da sua parte, Pound põe duas condições: que nada lhe seja pedido que contrarie a sua consciência ou os seus deveres de cidadão americano e que lhe seja permitida «a livre expressão da sua opinião, sempre que estiver qualificado para a ter»[14].

E as transmissões começaram, ao ritmo de uma em cada três dias. Dez minutos de cada vez, Pound fala livremente de tudo e de todos. Aborda temas políticos, literários e económicos, sobretudo económicos, já que se apercebe que a ignorância da massa nesse terreno permite aos timoneiros do barco as manobras mais perigosas e dramáticas. Os temas, mais ou menos, são os mesmos com que se ocupará em *Cartão*

---

[11] Mary de Rachewitz, *op. cit.,* pág. 160.

[12] Noel Stock, *op. cit.,* pág. 390.

[13] Niccolo Zapponi, *op. cit.,* pág. 463.

[14] *La Destra,* Outubro de 1972.

[15] Agora reeditadas em *Trabalho e Usura, Cartão de Visita* e, em parte, nas *Obras Seleccionadas.*

de Visita, Ouro e Trabalho, América, Roosevelt e as Causas da Guerra Presente, Introdução à Natureza Económica dos Estados Unidos e *Orientações,* aparecidos todos em 1944[15] e que trata nos jornais onde colabora.

O ataque a Pearl Harbour (7 de Dezembro de 1941) e a consequente entrada dos Estados Unidos na guerra perturbam violentamente o ânimo do poeta[16]. Pound interrompe as transmissões de Rádio Roma e retira-se para Rapallo. É um período difícil e obscuro. Até hoje não foi possível reconstituir exactamente os acontecimentos desses dias longínquos. Segundo parece, Pound queria sair da Itália e regressar aos Estados Unidos, mas, ou lhe é recusada a passagem de avião, ou é-lhe negado sem rodeios o visto de entrada[17]. Assim, em 29 de Janeiro de 1942 retoma as emissões, precedidas agora do seguinte comunicado: «Rádio Roma, de acordo com a política fascista de liberdade intelectual e livre expressão de opinião dos qualificados para a ter, ofereceu ao Dr. Ezra Pound, duas vezes por semana, o uso do microfone. Fica entendido que nada lhe será pedido que contrarie a sua consciência ou que possa ser incompatível com os seus deveres de cidadão dos Estados Unidos da América»[18].

E Pound continua, «mais violento»[19] que antes. Aquele comunicado é para si mesmo a prova de que não é um traidor quem fala, mas um americano que quer abrir os olhos à América, poupar-lhe uma guerra que não é a «sua» guerra, denunciando as manobras da usurocracia internacional.

Ao que parece, veio a ter lugar entre Julho de 1942 e Março de 1943[20] uma segunda interrupção. Em 25 de Julho de 1943, Pound fala pela última vez em Rádio Roma. Como de costume, começa com o habitual: «Fala Ezra Pound. Aqui, a Voz da Europa». Depois, divaga:

---

[16] Mary de Rachewitz, *op. cit.,* pág. 192.

[17] *Ibid. id., op. cit.,* págs. 192-193; Noel Stock, *op. cit.,* págs. 391-393.

[18] Noel Stock, op. cit., pág. 393.

[19] Mary de Rachewitz, op. cit., pág. 193.

[20] Niccolo Zapponi, op. cit., pág. 464.

«Se vivêssemos tempos normais, escreveria cartas a umas poucas pessoas, oito, dez, vinte e quatro, sobre uma coisa a que qualquer de vós poderia chamar discussões particulares». Fala da Idade Média, da sua edição das poesias de Cavalcanti, de Aviceno, da metafísica de Aristóteles, da importância da terminologia rigorosa. Lamenta que a guerra impeça as comunicações e destrua a cultura. Sente-se isolado, evidentemente, e lança um grito de alarme sobre as ruínas espirituais e materiais, produto da gigantesca fogueira em que ardem povos e continentes. É a última emissão, mas Pound ignora-o; como não se despede dos seus radiouvintes, nem sequer faz alusão à possibilidade de um adeus.

Quantas foram as conversações de Pound em Rádio Roma? É difícil dizê-lo. As registadas e transcritas na América, incluindo algumas réplicas, foram 125[21]. Mas a lista é parcial, já que apenas compreende o período entre 7 de Dezembro de 1941 e 25 de Julho de 1943. Outros sustentam que as conversações ultrapassaram 180[22]. São treze as que seleccionámos e que, pela primeira vez em Portugal, publicamos agora.

Parece inútil sublinhar a sua extrema importância, tanto no que diz respeito à compreensão da obra do poeta como ao estudo geral da Cultura durante o Fascismo e, em especial, da sua vanguarda. O problema do lugar e da função do vanguardista, naturalmente, inclui também Marinetti e os futuristas, Bragaglia e o Teatro dos Independentes, metafísicos, racionalistas, nonocentistas, herméticos, «selvagens», etc. O que não pode é prescindir de quem foi um dos seus autores e mestres: Ezra Pound.

Claudio Quarantotto

---

[21] *Ezra Pound, Broadcasts in Federal Communications Transcripts of Short Wave Broadcasts,* Washington, 1941-1943; Niccolo Zapponi, *op. cit.,* pág. 464. Foram recuperadas por Olga Rudge seis conversações entre as cartas de Pound, três das quais publicadas em *Les Cahiers de l'Herne,* nº 7, 1965.

[22] William Levy, *Certos Discursos de Rádio de Ezra Pound,* Cold Turkey Press, Roterdão, 1975.

Alocuções na Rádio Roma
1941 - 1943

OS FAMOSOS PARÊNTESES

Esta é a Voz da Europa. Fala Ezra Pound.

É Ezra Pound quem vos fala. Penso que estou a falar mais para a Inglaterra que para os Estados Unidos, mas, amigos, podeis escutar-me todos.

Diz-se que os ingleses têm cabeça de madeira e os americanos cabeça de cabaça. É fácil meter qualquer coisa na cabeça dos americanos, mas é impossível mantê-la lá durante mais de dez minutos.

Naturalmente, não sei se estou a fazer algo de bom; quero dizer, de bom agora; mas alguma coisa devereis aprender, gente dos dois lados do Oceano, com guerra ou sem guerra, antes ou depois.

O que devo dizer acerca do estado de ânimo da Inglaterra de 1919 já o disse nos meus cantos 14 e 15.

Qualquer dos vossos filosofastros e dos vossos pseudo-pensadores pode tê-lo considerado um excremento da Inglaterra. Eu continuo a dizer que se trata do seu estado de ânimo.

Não posso afirmar que as minhas observações tenham sido escutadas. Penso que foram suficientemente simples. Palavras breves e bastante simples. De facto, houve quem chegasse a perguntar a razão de constarem palavras de não mais de quatro ou cinco letras, seis no máximo.

Sustento agora que nenhum católico tem dúvidas, nem nunca as terá, sobre o que disse naqueles *Cantos.*

Seja como for, nunca pleiteei pela simpatia ao não ser compreendido.

Ando em frente e tento tornar claro, cada vez mais claro, o que quero dizer; e à distância, aos que me escutam - e pouquíssimos o fazem. Os que fazem parte desta pequena e esclarecida minoria saberão de longe mais coisas que os que escutam, por exemplo, H. G. «Chubby» Wells e os pedantes liberais.

Explico-me: outro dia um amigo disse-me que se alegrava pelo facto de eu ter as ideias políticas que tenho, mas que não conseguia compreender como eu, cidadão dos Estados Unidos da América, as podia ter.

Bem. Parece-me bastante fácil. Frequentemente, as coisas parecem-me fáceis. Segundo o sistema de Confúcio, são pouquíssimos os que partem de uma maneira acertada e que continuam: partem da base e prosseguem para o alto. O esquema é fácil, as mais das vezes. Entretanto, quem começa a construir de cima para baixo, acaba a debater-se na desordem.

A minha política parece-me simples. A minha ideia de Estado ou de Império parece-se com um ouriço ou com um porco-espinho: sólida e bem defendida. Não me passa pela cabeça que o meu país seja uma sanguessuga de tentáculos moles e atingida de úlcera gástrica e colite.

Teria preferido que o amigo Hoover falasse sobre o fedor e a podridão do Tratado de Versalhes quando estava na Casa Branca. Mas estou satisfeito por tê-lo feito agora, e de ter confessado erros próprios. Continua a sentir o dever de encorajar o bem-estar americano.

De qualquer modo, eu, pessoalmente, em princípio, nada tenho contra a anexação do Canadá e de todo o continente pelos Estados Unidos.

A decomposição do Império britânico vem do seu interior. Se a sifilítica organização conduzida por Montagu Collet Norman promove a guerra no Canadá ou em Alberta, não vejo porque o Canadá não deva promover a guerra contra os hebreus de Londres, quer sejam hebreus por nascimento ou por adopção.

O que estou decidido a combater é a existência de hebreus extra-europeus que tentam obter uma paz pior que a de Versalhes, com duas dezenas de novos Dantzigs. Em particular oponho-me a que se concedam aos Estados Unidos pequenas bases militares em Aberdeen, Singapura, Dakar, África do Sul e Oceano Índico para que, como fazem tantos ranhosos, não venham pendurar-se nas calças e tornarem desgraçada e matematicamente certo o estalido da guerra por conta dos Du Pont, dos Vickers (...) dez ou quinze anos depois. Para tal fim, surdamente, trabalham dia e noite os Roosevelt, os Morgenthau, os Lehman, não falando dos Warburg.

A propósito dos Warburg, agradeceria que Herbert Hoover dissesse alguma coisa mais sobre o fiasco de Versalhes.

Sabe Deus como eu detestava Woodrow Wilson e como não queria ver um demente pior que Wilson provocar ainda mais danos que os que Woodrow provocou aos Estados Unidos.

Quanto mais cedo a América e a Inglaterra abrirem os olhos e virem o que andam a preparar os Warburg e os Roosevelt, tanto melhor será para a próxima geração e para a actual.

Como americano, não vejo o meu país, não quero ver o meu país, aniquilar a população da Islândia como os ingleses aniquilaram os mahories.

E não quero de maneira nenhuma que os meus compatriotas entre os vinte e os quarenta anos sejam mandados para o matadouro para favorecer o tráfico de droga e outros tráficos ilícitos dos judeus britânicos de Singapura e de Shangai. Não é esse o meu conceito do patriotismo americano.

Avizinha-se o centenário da Guerra do Ópio e aquela guerra não trouxe nenhum benefício aos rapazes do Lancashire ou do Sussex nem qualquer prosperidade a Dorset ou a Gloucester. A Inglaterra foi duramente golpeada. Oh, Deus meu, que se fez?

O rei salvou-a? Não.

Salvaram-na os Goldschmitt? Não.

Tenta Churchill salvá-la? Não.

Repito que o mau cheiro, a putrefacção da Inglaterra e os perigos para o Império se acham no seu interior, como já sucedia na época de Cromwell, e que nem os rabinos nem os banqueiros de Wall Street ou de Washington, numerosos como são, vão fazer outra coisa pela Inglaterra que abandoná-la à sua sorte. É um pecado maldito que não se tinha cometido antes. De facto, um pecado autêntico, contra a própria Inglaterra.

Uma paz com bases americanas espalhadas por todo o planeta não seria uma paz mais verdadeira que a de Versalhes.

Segundo o que se pode observar, Roosevelt está nas mãos dos hebreus, mais ainda que Wilson esteve em 1919. Sou contrário à sua ingerência em qualquer questão pós-bélica, mesmo que me conste que tal tomada de posição é puramente académica.

Penso que, da China à Cidade do Cabo, é um bem para todos os homens descobrir o mais depressa possível o que anda a maquinar-se.

Que fiquem com os pés dentro do continente norte-americano, mesmo que isso signifique menos vendas de canhões por conta dos seus compadres ou dos vários Goldberg.

Há oito anos Roosevelt proclamava: «A única coisa a temer é o próprio medo». Bem, que fez Roosevelt durante três anos além de repetir histericamente a frase? Por oito ou dez vezes mandou publicar a sua própria fotografia num jornal chamado *Life*. Para quê? Jim Farley teria causado menos dano à Casa Branca que o snob Delano - que combateu Farley, não por questões morais ou éticas, mas exclusivamente por questões de snobismo. Procurem que não seja chamado a suceder-lhe um dos seus esbirros.

E que dizer dos sindicatos americanos? Quando começarão os sindicatos americanos a ocupar-se da questão financeira?

Realmente, não há dúvidas. Até um peão é capaz de compreender que os juros sobre as dívidas não constituem nenhuma base sólida para a moeda e para a sua capacidade produtiva.

Sim, mas compreenderão? Ou continuarão, peões e peritos americanos, Hoover incluído, a passar ao lado do assunto no que diz respeito à questão financeira?

Chamo a isto questões, não problemas.

Começarão os grandes legisladores laborais americanos ou os financeiros, todos menos Baruch, a estudar a solução desse problema, uma solução fascista, no sentido que o termo tem hoje na Europa?

Trata-se de um problema ou de uma questão corporativa, que não significa reduzir o trabalhador à fome ou aniquilá-lo no meio da massa.

Só Deus sabe como não concebo que a América, sem vários anos de preparação, possa vir a ter o Fascismo.

Também neste momento me parece que o problema da moeda é aquele do qual se pode partir para salvar a América, como digo e repito muitas vezes desde há dez anos. Vinte anos.

Parece que John L. Lewis tem agora tempo para ler os meus livros às suas tropas. Na Universidade de Harvard não conseguiu autorização do senhor William G. Moostead para o usar na Faculdade de Economia. Um e outro deverão chegar ao mesmo resultado.

Bem, tinha a intenção de dizer algumas palavras a propósito de Baruch, um certo senhor Barney Baruch, mas fá-lo-ei na próxima vez que usar este microfone.

Boas noites. Ouvistes Ezra Pound.

7 de Dezembro de 1941

O MODELO

Esta é a Voz da Europa. Fala Ezra Pound, de Roma. Título da conversa: O Modelo.

Quando se aperceberão do modelo o povo americano e o povo inglês? Do modelo segundo o qual se fazem todas as guerras? Não uma guerra em particular, a guerra em geral.

Pode fazer-se retroceder a 1694 a data do começo dessa guerra: daquele 1694 em que se inoculou no povo inglês o vírus da morte, invisível, vírus silencioso mais letal que a sífilis, quando o Banco da Inglaterra começou a imprimir dinheiro com base em nada e a impor-lhe taxas de juro.

É possível que nem todos vós sejam versados em História. Bem, vejamos o que podeis recordar, se já passastes dos quarenta anos.

Como se iniciou a última guerra?

Com um crime (...) Examinemos todos os assassínios utilizados como faísca de uma guerra e os que foram explorados com a intenção de provocar uma guerra. Punhamos algo húmido na mecha. Unamos as duas coisas. Servir-se de um povo, mandar para a guerra um povo não preparado, significa destroçá-lo.

Utilização de um povo não preparado para uma guerra, ideograma do punhal e das vísceras: destruição do povo.

Muito bem, vedes alguém a obscurecer a luz divina com o corpanzil e as banhas? Sim, por exemplo Roosevelt e Churchill, ao empurrarem ingleses e americanos para a guerra.

Esta é a primeira fase: arrastar os povos para uma guerra que não podem vencer. Em 1938, sabia-se na Inglaterra que os ingleses iriam perder. Por Deus!, em Novembro de 1938, em Londres, diziam-me que a Inglaterra só perderia. Os peritos militares diziam a um estrangeiro como eu: «Perderemos a Índia, perderemos todas as nossas possessões orientais».

Bem, porque não se escutaram homens dessa categoria? Porque não os escutou o povo inglês, em vez de prestar atenção à trampa de cão que lhe foi dada?

Qual foi a causa? Perguntem ao *Times,* ao *Manchester Guardian* e aos seus comparsas, usurários habituais; perguntem ao barão Reith e aos dirigentes da BBC, antes que o estábulo seja limpo. Essa gente e os outros trapaceiros, traidores do povo inglês, esforçaram-se em substituí-los, mas substituiram-nos por outro filho de puta, lacaio do senhor Churchill. Assim foi, na verdade.

E qual é a segunda fase, ou segunda linha, de uma (...) ofensiva a partir de Londres ou Washington? As chamadas a favor da continuação da guerra, não apontar o dedo aos imbecis que a provocaram. Bevin e os seus compadres da bem remunerada pseudo-oposição sindicalista exigem maior energia, etc. Levar o pescoço da nação à serra circular e pô-la a girar!...

Que maldição! Cada homem que morre no exército de MacArthur é sacrificado, e não para vencer, pelo amigo Frankfurter. Esse homem ocupa um lugar para se destruir a si mesmo e destruir todos os outros, para destruir todas as nações uma depois da outra.

Valerá a pena considerar as forças que arrastaram a nação de desastre em desastre?

A França espatifou-se contra a imbatível Alemanha. A Inglaterra atirou-se para a frente sem estar preparada, e o cúmulo da impreparação deve-se ao êxito do trio Lehman-Frankfurter-Morgenthau. Êxito que conseguiu a entrada da América no conflito e a possibilidade de uivar agora a clamar desastres.

Não estou de acordo com Lindbergh, não sou um defensor da paz que ganha prémios. Há momentos nos quais uma nação deve combater, mesmo que não entreveja qualquer possibilidade de êxito, como fez a Finlândia contra a Rússia ao ver-se ameaçada de extinção.

Mas em 1939 os Estados Unidos não se encontravam nessa situação. Ninguém nos últimos cem anos sonhou em ameaçar de extinção os Estados Unidos da América. Um cretino, esse deficiente meio hipnotizado que vive na Casa Branca, ameaçou reduzir o Japão à fome, enviou cartas idiotas, dignas de instrução primária, a Mussolini e a Hitler, ameaçou reduzir o mundo à fome, lançou montões de asneiras às potências do Eixo e ao Japão.

O mundo viu toda essa propaganda, sentiu-lhe o fedor.

Apesar de tudo, não compartilho da posição de Lindbergh; posição equívoca, a meu ver. O nórdico (...) parece ignorar totalmente a natureza dos amos da Inglaterra; expressou simpatias à Inglaterra sem fazer a menor distinção entre o simpático inglês da rua e o bando de ladrões e delinquentes medíocres que controlam o governo de Londres, homens de fachada que trabalham para patrões ocultos como Goldsmith, Sassoon e Rothschild.

Disse eu que a causa era suja, e era suja, sabia-se que era suja, e sabia-se que a maior parte do ouro do mundo se encontra nos Estados Unidos, no Império britânico e na Rússia. Como me disseram em Washington, qualquer tentativa de retirar poder aos que o detêm teria encontrado resistências sérias.

Bem, tratava-se de resistências desonestas.

Testemunha-o Donovan na Jugoslávia, testemunha-o a traição de todas as nações controladas pelo parasita do ouro, uma a seguir à outra.

William Jennings Bryan devia estar na miséria e a família em plena decadência para ter permitido que Hank Wallace afirmasse, sem lhe aplicar logo a seguir uma cacetada na cabeça e acusá-lo de senilidade galopante: «Paz alguma sem a restauração do padrão ouro». Onde estão os filhos dos homens que escoltavam a Cruz de Ouro? Estão todos mortos?.. Seja o que for que tenha sucedido, a mentira suja é hoje evidente.

Todos os que morreram em Dunquerque morreram pelo ouro. Todos os que morreram em Dakar morreram pelo ouro. Oh, sim!, arrastemos mais e mais nações... Martinica e Madagáscar, mas, por amor de Deus, façamos esta política.

Observai o modelo.

Como se apresenta?

Quem faz hoje todo o possível para que a guerra continue?

A continuação da guerra é desejada a todo o transe por Frankfurter e pela ridícula marionette a quem ele puxa os fios. Frankfurter, o que se esconde atrás do teatro de polichinelos, e a brilhante marionette, que dá pelo nome de Franklin Delano Roosevelt, gesticulando e esganiçando para divertir crianças e enviar rapazes para as trincheiras.

Quanto aos jornais, a imprensa assalariada clama que não se deverá permitir aos intervencionistas aproveitarem-se da embrulhada criada por Roosevelt e que é necessário continuar a guerra.

O lugar em que a herança americana deve ser defendida é no continente americano. O homem que ajuda de algum modo Franklin Delano Roosevelt a arrastar a América para a guerra não pensa defendê-la.

Se Roosevelt não estivesse abaixo do nível biológico em que aparece o conceito de honra, abaixo do nível biológico no qual os seres humanos concebem a existência de algo chamado honra, o embusteiro devia aparecer na escadaria do Capitólio e fazer hara-kiri, expiando assim os males que fez recair sobre o povo americano.

Devia suicidar-se na escadaria do Capitólio para expiar o mal que fez ao povo americano. Disse-o, repito-o e confirmo-o.

Aqui Ezra Pound, que fala de Roma.

30 de Março de 1942

QUESTÃO DE MOTIVO

Esta é a Voz da Europa. Fala Ezra Pound. Título: Questão de Motivo.

Não espero da parte de todos os meus ouvintes uma perfeita e completa compreensão das minhas conversas.

Ficaria contente se conseguisse fazer compreender uma parte àqueles a quem me dirijo, e as razões porque me dirijo.

Durante mais de trinta anos aspirei a alguns destes objectivos, sempre os mesmos.

Já em 1908, e mesmo antes, pensava que a literatura de uma nação é importante, que o estado da literatura de uma nação é importante. Palavras, meios de comunicação, literatura, a forma de comunicação mais condensada, comunicação dos factos mais básicos e essenciais. Ideias necessárias para conduzir a uma vida honrada e transmitidas pelos melhores livros.

O dever de qualquer homem, tão depressa se faz homem verdadeiro, é manter vivos esses livros e essa tradição. Tê-los à mão.

Mas falemos da opinião pública americana e inglesa, especialmente da americana.

A opinião pública americana assemelha-se ao louco do conto *Petimetre* de Pea, que, isolado num manicómio, se recusa a acreditar que nas costas de um selo possam caber micróbios suficientes para matarem um homem. Tratava-se de histórias de médicos, afirmava, e sem mais contemplações pensava que os médicos tinham ouvido essa tolice a outros loucos internados no manicómio.

Bem, os ingleses e os americanos não conseguem compreender que há diferenças entre os homens e as nações, não conseguem meter isso na cabeça nem ver com os próprios olhos. Por isso mesmo se pensou que eu exagerava quando me travei de razões com os hediondos esterqueiros que respondem pelo nome de *Atlantic Monthly, Harper's* e *Scribners* como eram em 1900 e não deixaram de ser enquanto duraram.

O cheiro bolorento já continha em si os gases mortais que vieram a provocar o envenenamento.

Palavra alguma consegue expressar com exactidão o asco que sinto na frente de um Sedgwick, mesmo que isso possa parecer exagerado. Iniciei há tempos uma polémica em Londres para tentar fazer compreender a um certo número de pessoas como a imprensa vendida daquela cidade acabaria por liquidar os seus habitantes.

Dunquerque testemunha-o.

O fétido século XIX conheceu aquilo a que se deu em chamar depois progresso científico. As pessoas compreenderam que os bacilos podem matar, e o conceito da profilaxia entrou na cabeça de todos. Entretanto, fugia da mentalidade do vulgo um conceito mais antigo.

Em tempos, realmente, era um bom conceito. Mas degenerou. É o que se chama, ou chamava, o conceito biológico.

A era chamada Idade da Fé sustentava que uma ideia equivocada pode acarretar o mal. Na Idade Média fantasiava-se, desviavam-se os olhos daqui e dali, pensava-se que uma ideia malvada podia levar o homem à perdição, às chamas eternas, ao purgatório, que sei eu. Mas logo se confundiu alguma coisa, a mentalidade tornou-se fanática, apareceram os hereges, etc.

O senhor Voltaire tentou extirpar a loucura, dedicou toda a vida a combater a crueldade do fanatismo permitindo até que se lhe chamasse ateu, coisa que não era.

Ora bem, sustento a forte suspeita de que nenhum herege foi queimado na fogueira, pelo menos no início, excepto os que estorvavam a pandilha de usurários ou aqueles cujas ideias eram consideradas inimigas entre a pandilha de usurários. Tanto quanto sei, nunca foi levada a cabo uma investigação nesse sentido.

Estou a falar de hereges propriamente ditos, das pessoas que se ocupavam de ideologia, não estou a falar da simples perseguição de bruxas.

Bem, a ideia de que uma ideia errónea pode prejudicar as pessoas não foi, até hoje, suficientemente desenvolvida. Segundo o conceito inglês, por exemplo, a liberdade de palavra representa a válvula de escape. Deixai que a gente fale e nada acontecerá. Daí, Hyde Park.

«Gus» Flaubert e eu próprio, e muitos mais, recuando suficientemente atrás, a Mencio e a Confúcio, supomos que há algo pior que uma simples ideia errónea, e este algo é a corrupção total de todos os meios de comunicação de qualquer ideia, a corrupção da linguagem, a destruição do sentido preciso da terminologia, corrupções que degradam o homem ao estado de animal, ou do que pensamos que são os animais, isto é, transforma os homens em seres incapazes de comunicar uns com os outros. Pior ainda, já que os animais, como os lobos e os cães selvagens, parecem compreender-se uns aos outros e actuarem de comum acordo.

Bem, ao aprofundar a questão comecei gradualmente a formar algumas ideias sobre como combater essa gonorreia universal da linguagem e o apodrecimento do sistema de comunicações que a imprensa levou a cabo, mensários, diários, semanários, cada um dos quais, lamentavelmente, tratou de desbaratar o poderio inglês (registo perdido em Roma)... agora.

De qualquer modo, falo para os Estados Unidos da América.

Há quarenta anos, Brooks Adams fez um estudo bastante profundo sobre a Inglaterra e previu que a mesma se dividiria em duas: uma parte orientar-se-ia para os Estados Unidos, a outra para a Alemanha... lembro-me bem.

Sem excluir as influências japonesas.

Naturalmente, quase ninguém leu Adams. Só conheço um inglês que o citou e, é claro, isso não me encanta particularmente.

Deveríeis ter conhecido Brooks Adams quando falava de história americana na Universidade de Pennsylvania. Devo fazer-lhe um pouco de publicidade porque há quarenta anos deu-me a possibilidade de dar passos de gigante.

Todos os professores de História das universidades americanas de então devem ter conhecido Brooks Adams. Os seus melhores livros apareceram em 1897, 1900 e 1903.

O irmão, o fraco e insignificante Henry, em nada se parecia com o primogénito Brooks. Brooks viu claramente o que tinha sucedido no decurso da História, viu-o muito claramente, e, ainda que não tendo conseguido ver mais além, previu o que aconteceria no seu tempo.

Embora não prevendo a seguinte, sabia que tinha existido uma Idade da Fé, ou algumas idades da fé. Pode dizer-se que viveu em harmonia com o seu tempo: não previu o ressurgimento da Itália, mas previu a decadência da Inglaterra, ou seja, do Império inglês, e apontou os sintomas da decadência inglesa, diante dos quais os ingleses permaneceram surdos e cegos. Também não previu a mutação dos tempos, da era materialista à era da Vontade.

Não me recordo onde anotou tudo isso, talvez no prólogo do seu livro sobre a Nova Inglaterra, na polémica com *Judea's Home of Religion,* de John Quincy Adams.

Brooks tentou imaginar onde John Quincy Adams teria saído da linha ao não se reclamar do seu grande antepassado, John Adams, o pai da pátria, e descobridor, em certo sentido, do general Washington.

Bem, não posso tratar de tudo numa só conversação, mas se ainda existe um pedacito de terra não invadido pelas hordas do Judaísmo, ainda não completamente imerso nas montanhas de esterco de Wall Street e Washington, sugiro que comeceis a tomar nota e a apontar números.

Imaginemos o problema da destruição da língua, da falsificação de todas as correspondências levadas a cabo pelas revistas bem alimentadas, da falsificação das notícias de imprensa sobre a guerra e sobre o conhecimento histórico. O pulular de escolas... Ainda que isso não se note demasiado nos jornais de nível superior, é possível verificar quando a América começou a encher-se de... escolas sem qualificação e sem grandes pergaminhos.

Veja-se quando começou a desafinar a escola americana, quando as crianças das escolas primárias começaram a ouvir falar de Lenine, Marx, Trotsky, em vez de Lincoln e Washington.

Note-se o desenvolvimento gradual do obscurantismo, o desprezo desde logo... relativamente a John Adams, Van Buren e Jackson.

Seriam necessários setecentos estudantes e trinta professores para se aprofundar esta questão, todas estas questões.

Algum dia vos vereis obrigados a saber, obrigados a saber mais do que sabeis sobre estas coisas, e só Deus sabe o que vos cairá em cima.

Falou o amigo Ezra. Falou Pound.

13 de Abril de 1942

UNIVERSALIDADE

Esta é a Voz da Europa. Fala Pound.

A anti-moral bolchevista provem do Talmud, representante da mais obscena das doutrinas de todas as que foram codificadas por aquela raça.

O Talmud é o único e exclusivo gerador do Bolchevismo e, se nos Estados Unidos ainda existem cristãos, fariam bem tomarem em conta esta advertência, fariam bem em considerar a diferença entre a parte grega e a parte judaica da Bíblia.

E também fariam bem em considerarem objectivamente os testemunhos da barbárie judaica e a natureza da revolução de Cristo como é transmitida pelos Evangelhos.

Não queremos entrar em polémicas sobre teologia ou arqueologia.

Os teólogos e os estudiosos da religião já falaram a propósito e a despropósito das datas de composição e das fontes do Antigo Testamento. Não vou entrar em questões que podem ser deixadas ao cuidado dos arqueólogos profissionais.

Tendo lido quotidianamente a Bíblia em pequeno, estou em condições de ter dela uma visão mais objectiva que a que pode ter, por exemplo, o bispo Temple.

Proponho que partamos da versão do rei James e aceitemos as suas afirmações num sentido literal.

Peço-vos que observeis que coisas se dizem na vossa querida Bíblia.

Limitemo-nos por agora às duas partes principais, ao Antigo Testamento e ao Evangelho, pondo de lado as atormentadas interrogações que se referem a S. Paulo.

Pois bem, o Antigo Testamento é um conjunto de Crónicas, Salmos, Profecias e Eclesiásticos: as suas crónicas registam os feitos profundamente desagradáveis de uma raça de bárbaros.

E os profetas nunca criticaram a conduta dos seus correligionários.

Mas existiu também um homem chamado Péricles. E existiu um homem chamado Aristóteles; existiram numerosos escritos, como os de Homero e de Platão, que deram vida ao modo de ser europeu; em suma, à civilização europeia; tudo se foi infiltrando na ilha que se encontra ao largo da costa norte-ocidental europeia e dali expandiu-se para o continente americano; tudo tem uma origem mediterrânica.

As pessoas que atravessaram o Mississipi e se internaram nos bosques do Michigan levavam consigo pianos enormes e pequenos bustos de Mozart.

A civilização surgiu na bacia do Mediterrâneo.

Essa civilização teve inimigos: internos e externos. Tribos bárbaras apresentavam-se nos seus confins; como nos Estados Unidos durante os últimos 100 ou 160 anos, inocularam-se ali elementos de corrupção.

Bem, que vos diz a vossa Bíblia sobre a organização social? Diz que os judeus caíram no cativeiro e que em tal condição careciam de direitos civis; achavam-se, em grande parte, na condição de escravos.

No tocante à sua organização, consistia no que ainda sobrevive do sistema farisaico: havia uma lei, mas não um sistema ético. Essa lei era formada por um conjunto de meticulosas proibições, não se fazendo muitas distinções entre umas transgressões ou outras. O seu conteúdo referia-se principalmente à regra principal da própria lei: fazer pagar multas, cobradas por um bando ou por um grupo de dirigentes religiosos, que não parecia ter princípios éticos por aí além.

Taxas mal intencionadas. Taxas destinadas ao benefício exclusivo de uma pandilha de aproveitadores.

Exactamente como faz o Banco da Inglaterra ou o grupo Morgenthau-Warburg nos Estados Unidos, que recebem um imposto de dois dólares por cada dólar gasto pelo governo. A base é a mesma. Os benefícios ilícitos a níveis mais particulares e as burlas no tráfico de armas em tempo de paz são coisa extra, por fora e por cima da burla fundamental.

Omitirei questões de pormenor: que tinha Moisés, por exemplo, aprendido no Egipto? Que aprenderam os fariseus na Babilónia?

Pergunto: porque foi crucificado Cristo?

Porque foi Cristo crucificado?

Foi crucificado porque tentou combater contra uma mafia.

Na Palestina, antes do ano zero da era cristã, havia outras seitas místicas. Diz-se que muitas tinham uma existência que ultrapassava duzentos anos.

Não quero pôr em relevo agora questões místicas e religiosas.

Pergunto por que razão os sacerdotes e os levitas foram tão inflexíveis no assunto da crucifixão.

Pôncio Pilatos não podia resolver a questão. Não tinha qualquer interesse em ver-se com uma revolta nas mãos, por isso lavou-as.

Que preocupava, afinal, os notáveis do país? Podeis observar que no Evangelho cristão não existe uma só cláusula referente a impostos sobre o povo.

Não existe absolutamente nada instituído por qualquer autoridade central do governo que autorize multar a população por infracção de normas incompreensíveis impostas por um meticuloso código de leis.

O Talmud, em contrapartida, tem tudo o que há de mais mesquinho. É um código de vingança, de meios sagrados que permitem a vingança, encaminhada especificamente para a destruição de todas as ordens não farisaicas.

Trata-se de um livro obsceno, cuja leitura só devia ser permitida a estudiosos maduros e a responsáveis de psicopatologia.

Os bolchevistas provêm do Talmud. Do Talmud deriva a vontade de destruir a Europa, de arrasar a Cristandade, de institucionalizar o ateísmo. É irónico ou trágico ver os cristãos ingleses e americanos duplamente ligados numa colaboração com a cruenta Rússia.

Pessoalmente sou muito céptico quanto à profundidade dos sentimentos cristãos de ingleses e americanos. O meu tio-avô Albert dizia que preferia a Igreja Episcopal, porque essa não interferia com as convicções políticas ou religiosas de quem quer que fosse. Presumo que existam americanos cristãos, mas nunca os achei muito convincentes.

Não é assunto meu separar o trigo do joio.

Vi em Rapallo o padre Immiliani trabalhar duramente dia após dia para alimentar o seu grupo de órfãos e fazer deles bons artesãos.

Das janelas do meu quarto vejo uma pequena igreja construída com base num sistema económico saudável: quero dizer que os habitantes deste lado do monte tinham a pedra ao alcance da mão e queriam uma pequena igreja: por isso extraíram a pedra da montanha e construíram a igreja. Sou de opinião que acreditam em alguma coisa e é certo que o regime fascista aprova esta grande fonte de actividade.

Também tenho o meu próprio tipo de religião. E ninguém aqui me deu uma bastonada na cabeça por acreditar naquilo em que acredito. Não digo que as minhas crenças sejam adequadas para todos os tipos e todas as condições humanas. Estão bem para mim, por isso as sigo.

Ninguém, nem sequer o Arcebispo, com quem converso de vez em quando sem papas na língua, me disse alguma vez para as atirar ao balde do lixo. Em geral trocamos ideias sobre o Evangelho, o verdadeiro Evangelho. É mais velho que eu, mas não está caduco.

Observo sem o mais pequeno repúdio a barca que na manhã do dia de Páscoa atravessa o canal em direcção ao mar, mas não são muitos os que procedem como eu.

Olho os aldeãos que no período pascal levam à igreja para serem benzidas varas com capulhos de seda nos seus aventais ondulantes.

Tudo isso revela respeito pela Divindade.

Mas, façam-no ou deixem de fazer, ninguém os agrava com impostos.

Levam ao templo os recém-nascidos envoltos em panos húmidos e deitam-nos no altar.

Bem, tudo isto é verdadeiramente simpático; pode fazer parte ou não de uma tradição. Penso que é um sintoma de gentileza. Como faz parte da vida civil, faz parte da arte de viver. Qualquer senhor chinês, pelo menos um dos Wen Wang da última época, respeitaria tudo isso; qualquer samurai japonês o respeitaria igualmente.

Também eu respeito. Considero-o parte de uma civilização, civilização diante da qual encontramos uma horda desalmada de bárbaros financiada por uma piara dos mais refinados velhacos.

Escutai uns quantos comunistas, mongóis ou tártaros.

... Os interesses comerciais dos Baruch e dos Warburg.

Escutai os extractos inferiores, a quem são dadas as directrizes.

Escutai esses porcos imundos que estão dispostos a destruir a música de Bach; basta de Bach, basta de Shakespeare. É preciso destruir tudo o que conduza à civilização.

O fariseu saiu a campo aberto para conquistar o poder total.

O fariseu é o mal absoluto que escolheu domicílio em Londres depois do governo inglês ter incitado os índios da América a matarem os pioneiros. Lançou abertamente mongóis e tártaros contra a Alemanha, contra a Polónia e contra a Finlândia e, secretamente, contra tudo o que há de honrado na América. Contra a herança americana.

Esta é a minha guerra.

Fi-la durante vinte anos; ninguém a fez antes de mim.

Falou-vos Ezra Pound.

4 de Maio de 1942

COM ATRASO

Esta é a Voz da Europa. Fala Ezra Pound.

Contaram-me que um dos meus velhos editores disse: oh, sim, os discursos de Pound são interessantes, mas estão, como dizer?, fora de moda; fala bem, mas é pena que esteja fora de moda, desfasado, ou coisa assim.

Bem, c'os diabos!, se não me tivessem desancado já uma vez, se não nos tivessem atacado por esse motivo, a Céline e a mim, há já muito tempo... Na actual situação, cada um de vós devia reflectir sobre Céline.

Comecei muito antes de Céline, pelo que sei. Suponho que tem catorze, quinze ou talvez vinte anos menos que eu e que na sua juventude exerceu medicina; enquanto eu me dedicava a escrever, ele curava doentes.

Deixei escrito que as pessoas não o compreendem; que não encontra a menor compreensão. Não se parece esta afirmação com uma das melhores frases de Jerry?

Para citar o original, eis a sua tradução exacta: «Constrói-se pouco... Crê-se ser compreendido, mas não. Escrevem-se milhares de receitas. Nunca se saberá que efeito terão provocado. Sempre se é compreendido ao contrário. Pode escrever-se uma receita com a maior e a mais clara caligrafia, podem explicar-se as suas particularidades, mas sempre fica a dúvida a atormentar; o cliente, o paciente, segui-la-á à sua maneira; não tomará as trinta colheres de medicamento numa tigela de caldo ao acordar, e isso há-de provocar um escândalo tremendo; o cliente arremete e chegam complicações intermináveis. Com toda a humildade vos digo estas coisas, mas de forma alguma pretendo ensinar-vos o que quer que seja». Fim de citação.

Saí de Paris há quase dez anos. Céline sabe por que razão abandonei a França. Sendo francês não o expressa nesses termos, mas também observo com bastante precisão a imobilidade biológica dos franceses.

Tem razão (...) cerca de dez anos durante os quais se impediu Pasteur de obter (...) lógico (...) etc. A diferença entre ferver os instrumentos durante vinte minutos ou fervê-los durante três horas.

Céline observa também que nunca encontrou um judeu, por mísero e insignificante que fosse, que tivesse dito mal de Rothschild ou dos soviéticos.

Nos Estados Unidos hão-de passar-se mais ou menos vinte anos para se chegar ao ponto a que Céline já chegou há dez, e chegarão com atraso.

Eu chego com atraso.

Não sou uma sineta de alarme que pretenda chamar a atenção dos americanos que não escutam para os trabalhos de qualquer novo escritor europeu, sobretudo quando as coisas que esse escritor pôs no papel já foram ditas por mim há muito tempo.

Céline escreve com a clareza de um Rémy de Gourmont. É um grande escritor. A busca da realidade necessita de homens de raça diferente que descubram coisas importantes, base da ciência que a relatividade tenta destruir.

Céline nega que exista um ódio fundamental e insolúvel entre franceses e alemães. Cheguei também à mesma conclusão depois de ter passado quatro anos em Paris. O que existe é a vontade de Roosevelt de reduzir à fome os franceses da zona não ocupada, negando-lhes o leite em pó e tudo o que as crianças europeias necessitam.

Céline observou que os seus compatriotas são biologicamente crescidos, ou estáticos, mas que têm a tendência de se dividirem rapidamente. Pois bem, há alguns anos certos oficiais russos concordavam comigo nesse ponto.

Em 1938 Céline escrevia e publicava que as democracias queriam a guerra e que finalmente iriam tê-la.

Voltei à América na primavera seguinte e recordo-me de ter dado conta que actuava nos Estados Unidos uma força que não só destruía a teoria de Monroe, que não só atraiçoava o nosso tradicional isolacionismo a respeito dos desconcertos europeus, mas que tentava também provocar uma guerra para que a América pudesse intervir.

Ferdinand, Céline, compreendo-te; Ferdinand, falaste muito claramente. A França não te entendeu.

Fomos acusados de tê-la provocado nós.

Não sou profeta de desgraças. As democracias, de facto, quiseram a guerra; isto é, os usurários iniciaram-na e os escravos continuam-na. Justamente no velho (...) justamente em (...) o artigo no qual (...) Uma atrás da outra, a Checoslováquia (...) Meu querido Céline de Paris.

Céline tem toda a razão.

Gargalhadas. Litvinoff é recebido em Washington e Mayski impera em Londres. Porque penso que o sabias (...) sobre os franceses.

Alguns dos vossos escritores disseram-vos que o crisol tinha estalado; que a teoria do crisol se desfez. A expressão foi inventada por Tangwill. Tangwill era patético. Mas o termo «crisol», a ideia em si, é fascinante. Como a velha ideia ianque de seduzir uma mulher em cada nação, ou, melhor, tantas quantas for possível.

Que é que não resulta com os mestiços? Conheceis algum que não sofra de vez em quando (...) que não encontre algo firme?... Alguns apresentam um bloqueio mental peculiar que os conduz a um certo sentido de frustração.

Durante sessenta anos os homens realizaram todo o tipo de experiências com porquinhos da Índia. Ficou bem claro que se consegue insuflar vida a uma raça desde que sejam eliminadas as diversas infiltrações estranhas. Obtem-se uma raça homogeneizando os cruzamentos interraciais.

A sabedoria chinesa proíbe desde há muito as uniões entre consanguíneos. Nenhum homem pode desposar uma mulher da própria família. Esta era uma das barreiras. Céline abateu a outra barreira.

O passo seguinte, o próximo movimento mundial, é o passo para a produção de indivíduos racialmente perfeitos.

Pensai nisso.

A ideia já foi lançada. Não comporta privações para ninguém. Não lhe foi poupada qualquer crítica. Se é boa no que se refere a cães e cavalos, há que pensar que a raça humana merece muito mais atenções que as que são dedicadas pelos especialistas ingleses aos cães de corridas.

Albert Londre sugeriu que os franceses a ensaiem com os negros das suas colónias africanas. Não é necessário que os africanos das colónias francesas sejam arruinados e cobertos de sarna.

Céline sustenta que seria útil aplicar as mesmas teorias aos franceses. Por isso mesmo estou convencido que o Almirante Bléhaut (...) ou qualquer outro Lafayette que em Vichy anda a tentar convencer Pétain, irá tentar também que sejam proibidos os livros de Céline em toda a zona não ocupada do território francês.

Como disse Voltaire, isto sim, é próprio de um mundo pacífico, o melhor dos mundos possíveis.

Chegará talvez o tempo em que os estudantes americanos me hão-de ler, hão-de ler Céline ou algum desses escritores. Lá porque os navios de carreira demoram muito tempo a chegar, não penseis que na Europa não se escreve.

A Velha Europa está ainda no Continente, um (...) dois passos (...) não conseguiram persuadir a Europa que os escritores deviam deixar de escrever em tempos como estes. Em tempos como este os escritores deviam era descer do pedestal e falar sem papas na língua.

Céline fá-lo muito bem. São tempos em que se deve ler Céline porque a simples verdade de um (...) nos seus direitos, expressa com sinceridade e simplicidade perfeitas.

Talvez seja para vós um pouco tarde para começar. Um grande escritor é aquele cujas frases simples e perfurantes ficam gravadas na memória.

«L'homme n'est venu sur terre pour devenir de la merde!»

Tradução literal: «O homem não veio à terra para se transformar em, merda!»

Fala-vos Ezra Pound.

14 de Maio de 1942

COM OS FANTASMAS

Esta é a Voz da Europa. Fala Ezra Pound.

Um argumento em que raramente toquei nestas conversações: a Alemanha e Lord Tennyson.

De Tennyson posso apenas citar um brevíssimo fragmento: «Virá a batalha com fantasmas e uma mortalha». Pode ser que se trate de um véu; não li Tennyson ultimamente e esta frase ficou-me na memória depois da leitura dos *Idílios*. «Virá a batalha com fantasmas e uma mortalha»... Mortalhas, talvez.

Consideramo-la uma profecia.

O fantasma contra quem o mundo anglo-americano está a combater, ou, dizendo-o melhor, aquilo contra que estão a combater os anglo-americanos por instigação dos usurários hebreus, é o fantasma alemão, não a realidade alemã.

Esse fantasma foi construído com mentiras e assim continuará a suceder enquanto os milhões de crédulos, os pacíficos e gentis americanos e os simplórios ingleses, não forem capazes de descobrir, ver e sentir, enquanto não forem capazes de encarar a realidade ou enfrentá-la.

Quase nunca falo da Alemanha porque a conheço bastante mal. O velho Ford levou-me em 1911 a visitar Essen e os arredores, mostrando-me como a Alemanha é um belo país. Ultimamente estive em Viena e Frankfurt por ocasião da opera de Antheil e passei rapidamente em Munique. De Viena fui a Munique, mas como não podia esperar que os jovens conhecessem a minha história passada, creio ter feito uma viagem em vão.

A civilização interessa-me desde os doze anos, quando vi Veneza pela primeira vez. Gosto de Veneza.

Vim à Europa para me cultivar e, em certo sentido, consegui-o, consegui-o através da Universidade de Pennsylvania. Vim para descobrir o que se tinha escrito e quais eram os melhores desses escritos em todas as línguas que pudesse compreender. Tentando descobrir a verdade. Fosse qual fosse, a Verdade, a Vida. Dediquei-me, pois, à História e à Economia para que, no limite das necessidades do meu trabalho, pudesse compreender as coisas que estão a acontecer hoje no mundo, já que o meu trabalho é escrever e porque uma épica é um contentor de história.

Naturalmente, a música pode servir-nos para compreender a métrica verdadeira.

Vindo eu de um país inculto, interessava-me a ordem latina, a ordem na construção e na pintura. *Adamo me fecit.* Pavia e o arquitecto que com as próprias mãos esculpe a coluna... Interesse geral pelo trabalho construtivo de S. Zenão, em Verona. Gostei da maior parte dos quadros de Paolo Uccello. Recordo-me de nos primeiros anos da Universidade ter visto no Louvre uns esboços dos quadros de Paolo Uccello.

Enfim, à parte Walter von der Vogelweide (...) omiti-o (...) e cheguei à poesia da Alemanha medieval. Nem em 1914, nem em 1904, nem em 1905, me senti grandemente atraído pela literatura alemã, em comparação com a mediterrânica: Dante (...) os provençais, os autores da Canção de Gesta.

Não me sentia muito atraído pela literatura alemã nem pela filologia (...) do velho sistema universitário alemão enervava-me. Deixei de ler em alemão até que li Leo Frobenius e a nova ideia do instituto universitário de Culturmorfologia alemã de Frankfurt. Com *Erlebte Erdteile* voltei a ler alemão.

Tendo vivido durante doze anos na Inglaterra, analisei a última guerra sob o ponto de vista inglês. Fiquei com um nó na garganta ao saber que Amiens tinha sido conquistada. Não pude suportar o resto porque ao saber da conquista de Amiens experimentei uma sensação desagradável.

Mas justiça é justiça, e as mentiras, as mentiras, são um pobre recurso, um pobre substitutivo da justiça. Segundo os programas, devo reconhecer que se disseram mais mentiras sobre Hitler que sobre qualquer outro homem vivo, com excepção de Mussolini.

No que se refere a Mussolini, sei que se trata de mentiras. Vivi aqui durante dezassete anos, e em dezassete anos dei conta que se tratava de mentiras; mentiras e ameaças à Itália, a pretexto do Tratado de Versalhes.

«Começou a guerra económica», disse Robert Mond no ano das Sanções, «Napoleão era um homem hábil, foram necessários vinte anos para o destruir. Não demoraremos vinte anos a destruir Mussolini».

Pois bem, em Londres dizia-se que Alfred Mond se parecia com uma das extremidades do porco e Robert Mond com a outra. Indubitavelmente, a forma mostra o espírito que a anima. Penso que a jovem geração deve dizê-lo e que houve um (...) mas, seguramente, a lei da herança trabalha contra si. E os poucos que querem aqui fundar-se não escolheram, por certo, um leito de rosas.

É possível que alguns judeus aspirem à honradez, a impulsos generosos, a gestos de liberalidade, mas Deus os ajude e deles salve a Humanidade.

Bem. Na Inglaterra e na América foram dadas muito poucas notícias sobre a Alemanha. Duvido que haja muitos livros sobre a Alemanha que tenham feito segunda edição; por isso, quando denuncio as mentiras acerca da Alemanha, tenho poucas bases a que possa agarrarme. Possuo uma ou duas relações fragmentárias de primeira mão e alguns dados editados.

Ora bem, quando me ocupava de Sigismondo Malatesta cheguei à conclusão que certos documentos, cartas pessoais, etc., não demonstram nada. Uma carta demonstra, no dia em que foi escrita, que quem a escreve deseja ser acreditado pelo destinatário. O resto da história deve ser deduzido por raciocínio. Se há documentos que começam a aparecer com alguma regularidade, as crónicas de um facto acontecido em 1424, digamos, isso significa que alguém evitou que fossem conhecidas do público, especialmente se as crónicas de um dia em especial aparecem em poucos arquivos.

Bem, sei que o *Times*, o *Telegraph*, o *Yorkshire Post*, toda a condenada imprensa inglesa e todos os principais dirigentes britânicos mentiram sobre a Itália. E também sei por experiência directa que os factos referentes à Alemanha não tiveram muita difusão nos países anglo-saxónicos.

Quando escrevo a minha história não levo a cabo um grande trabalho dedutivo, uma vez que separo o trabalho dedutivo dos factos concretos, e o facto concreto é que, por exemplo, em determinado dia foi vertida certa ideia nos jornais. E não afirmo que as coisas são deste ou daquele modo enquanto ler apenas traduções e não tiver lido o original. Significa isto que, até ver o original, trato uma tradução tal como é. Não tendo lido a versão inglesa de *Mein Kampf*, não a discuto.

Este livro foi traduzido para italiano e editado em 1933 e Mussolini, pela primeira vez, fez publicar a segunda parte para que o povo italiano pudesse conhecer claramente o programa desde o início. Afirmo que durante anos, quer na América quer na Inglaterra, houve a mais supina ignorância e a mais errónea interpretação desse programa.

Eu próprio tinha do mesmo uma ideia bastante vaga.

Não me ocupava da Alemanha; escrevia sobre a Itália, tentando clarificar as coisas.

Vi que as coisas aqui na Itália funcionam bem.

Disse que se tratava do único país no qual um homem tinha a possibilidade de observar directamente e escrever o que quisesse, podia atacar o porco monetário internacional sem ficar arruinado. Da Alemanha e das suas coisas só me ocupava num sentido geral.

Pois bem, depois da época das Sanções comecei a considerar a Alemanha sob outro ângulo. Até então tinha conservado sobre a Alemanha muitas das ideias que remontavam a 1914, salvo a de considerá-la defensora das comunidades europeias. Até então não tinha assomado ao palco da orquestra, tinha (...) significado. Hitler trazia maior justiça, a sua voz oferecia pela rádio o panorama da Europa. Comecei a pensar nisso. Pois... se calhar atrasei-me na leitura de *Mein Kampf*.

Mas vós, hoje mesmo, conheceis o seu conteúdo? Tendes uma ideia clara do seu programa?

Em 1942, Hitler disse que a Alemanha considerava a Itália, a Itália fascista, um raio de luz sobre um mundo a afundar-se na escuridão. Tal como eu, considerava-a o único pedaço de terra firme. Enquanto me limitava a observar e a escutar, o Führer, Adolf Hitler, fez muito. Há diversos graus de eficiência.

Agora, todos os ingleses e americanos da minha geração são da opinião de Hitler, tal como se expressou no início de *La Mia Battaglia,* título da tradução italiana da segunda parte de *Mein Kampf*...

Bem, a primeira questão é (...) a saúde de uma raça.

Agora, todos os ingleses e americanos da minha geração, da anterior e da que se lhe segue, sabiam, sabem, que devemos encarar o problema de sermos escravos ou sermos livres. No nosso tempo, o homem que não tenha nascido rico só tarde consegue casar-se, ter poucos filhos, também muito tarde, ou então tornar-se escravo.

Curtis Moffet disse-me que ao dar conta do que lhe sucederia se tivesse sido bom rapaz, optou por tomar o partido da picardia; decidiu tornar-se um rapaz pícaro para, assim, navegar na crista da onda.

Quando pela primeira vez desembarquei na Europa, como justamente estabeleceram os meus primeiros biógrafos, tinha no bolso 80 dólares (dólares pré-Morgenthau) e as roupas que levava vestidas. Isso levou-me a considerar de modo diferente alguns problemas.

No que diz respeito ao programa de Hitler, tratava-se daquilo que todos nós sabíamos e pelo qual nada tínhamos feito; ou seja, que o aperfeiçoamento da raça humana merece mais desvelos e atenções que o aperfeiçoamento de cavalos ou cães, porcos, cabras e bichos de maiores dimensões.

É este o primeiro ponto do programa nazi.

Melhorar muito e salvar a raça; promover a raça perfeita, isto é, obter jovens saudáveis. Conservar o melhor da raça, conservar os melhores elementos. Isto, que não agrada às mentalidades abjectas dos hebreus apostados em destruir todas as outras raças e substitui-las, fazê-las mergulhar na escravidão dos salários ou na escravidão soviética sob o domínio dos malditos fariseus alimentados pelo bando dos Churchills, Edens e Stafford Cripps, significa o eugenético em contraposição ao suicídio racial.

Segundo: qual é o segundo ponto do programa de Hitler?

A responsabilidade individual. Um sistema político no qual não é possível usar ou contar mentiras é muito desagradável para os membros assalariados do Parlamento... para os hebreus, para os negociantes de manteiga e de ovos, para os burlões como Wendell Willkie, para os deputados e senadores do Parlamento, financiados pelos judeus para defraudarem o povo em vez de se ocuparem dos seus interesses; eleitos graças ao dinheiro dos bancos. Fazem parte, sempre, de todas as comissões e encontram, invariavelmente, todos os meios de iludir a lei, fugindo das suas responsabilidades, como sucedeu no caso da desvalorização da moeda em 1873, da venda dos Estados Unidos em 1863, do sistema do *Federal Reserve Board* e das suas infames consequências, que obrigam a população a pagar dois dólares por cada dólar gasto pelo governo.

Pois bem, tendo Hitler visto os judeus vomitarem sobre a democracia alemã, saiu a campo aberto em defesa da responsabilidade, para que os funcionários estatais, etc., se sentissem responsáveis pelos seus actos. Algo extremamente desagradável ao governo judaico e invisível dos Warburg.

O terceiro ponto é o estudo da História.

Estudemos então a História.

Que programa contradiz este? Pergunto-vos.

Se sois tão miserável e rematadamente estúpidos, tão cabeçudamente ingleses, tão infinita e irremediavelmente ignorantes para não saberdes que programa contradiz este, então não há muitas esperanças para as vossas pobres cabeças.

Hei-de dizer-vos um dia em que está fundado o programa oposto, se de facto estais tão doentes ou fracos que não o consigais descobrir por vós próprios. Se entretanto o descobrirdes, sabereis porque foi lançada uma cortina de fumo e a razão porque as pessoas começaram a ver o mal em Hitler.

Além do mais, perguntemo-nos, quem pensa mal de Hitler? Um dia qualquer também falaremos disso.

Fala-vos Ezra Pound.

18 de Maio de 1942

DE UM PRINCIPIANTE

Esta é a Voz da Europa. Fala Ezra Pound.

Se num lugar qualquer do mundo algum dos meus ouvintes for capaz de pensar seriamente, pode imaginar o que quero dizer com as afirmações que se vão seguir.

Comecemos por estudar as duas revoluções, a fascista e a nacional-socialista. Como pode alguém digno do qualificativo de homem encarar na Inglaterra ou na América estes dois movimentos através da ignorância calejada ou semi-calejada a que o reduziram ou precipitaram os seus jornais?...

Alguma coisa aconteceu na Velha Europa. Até os símios palustres de Oxford ou os inventores do hediondo gás de Harvard devem ter ouvido falar disso; pelo menos, falar disso.

Aconteceu alguma coisa na Europa e não sabeis o que foi. Não sabeis o que se passou.

Cada hora que passais a continuar esta guerra é uma hora perdida para vós e para os vossos filhos. Mas cada acção sensata que pratiqueis, fazei-la em homenagem a Mussolini e a Hitler.

Qualquer reforma, qualquer passo em direcção ao preço justo, ao controle do mercado, é um acto de homenagem a Mussolini e a Hitler.

São eles os vossos chefes, mesmo quando vos imaginais guiados por Roosevelt ou doutrinados por Churchill; na realidade, em todos os actos construtivos do vosso governo, seguis Mussolini e Hitler .

Insistis em vos manter no vosso mundo. Jamais vos libertareis da vossa prisão de ventre. Não quereis dar crédito aos vossos sábios, e por sábios entendo os ingleses que sabem alguma coisa, que disseram que devíeis manter-vos fora desta carnificina, que explicaram como curar os vossos furúnculos e os vossos tumores.

Mas, louvado seja Deus, não quereis. Vós não quereis.

Neste momento, neste ano, a Inglaterra interessa-me mais que a América. Intelectualmente, a Inglaterra está mais adiantada que a América. Aliás, a Inglaterra continua a ser a capital intelectual da América.

A espada e a bolsa abandonaram a ilha, mas o cérebro continua a trabalhar magnificamente na Inglaterra. Bastante mais que nos Estados Unidos, existem na ilha homens capazes de tirarem conclusões. Afirmo que existem dez ingleses por cada americano sabedor do que se esconde na Economia ou na História. Houve uns pequenos movimentos, alguns núcleos, algumas reuniões.

A América acordou diante dos seus próprios perigos. Mantinha-se miseravelmente inconsciente do seu destino, pelo menos nos últimos oitenta anos. Sei em que espécie de caos os Estados Unidos estiveram a debater-se. Só Deus sabe quanto tempo será necessário para se esclarecer. E só Deus sabe quando a Inglaterra virá a distinguir os seus sábios, ou futuros sábios, dos seus destruidores e agentes provocadores.

As prisões inglesas nunca estiveram tão cheias de presos políticos como agora, de presos políticos culpados apenas por terem ideias e convicções.

Nunca, nem sequer na época de Cromwell.

Nunca as vozes dos ingleses no exílio falaram com tanto sofrimento sobre os erros da Inglaterra; nunca se tinha ouvido uma sinceridade tão límpida e tanta certeza na verdade das suas mensagens. Nunca se tinha visto nada parecido desde a época em que os ingleses bebiam à saúde do rei e passavam em silêncio o copo de vinho por cima dos copos de água, e com razões menos fortes.

Não sois capazes também de ver alguma coisa?

Os fenómenos da história actual nem sequer vos arranham a pele quando levantais os olhos e quando prestais atenção com os vossos ouvidos?

Não tendes olhos, não tendes ouvidos, não tendes conhecimento ou memória da vossa história? Nenhuma memória dos acontecimentos que vos antecederam?

Conheceis os poços de água em que se transformaram as marismas de Londres, as ruínas materiais, e não tendes nenhum conhecimento das causas, das causas mais profundas, do porquê destas coisas sucederem, do que fizestes ou, na maior parte dos casos, do que omitistes fazer e que provocou as coisas que vos sucederam? Não tendes nenhum desejo de saber por que razão aconteceu isso?

Tendes uma possibilidade de organização, pelo menos na Inglaterra, uma possibilidade de organização.

Tendes actualmente, no mínimo, três raças indígenas, galeses, escoceses e ingleses, não completamente (...) com as quais se pode construir alguma coisa.

Além disso, tendes uma língua comum na qual podeis escrever, mas nunca participareis da nossa época até que (...) existe algum grupo de dirigentes capazes de confrontar as duas revoluções, a fascista e a nazi, de as compreender e descobrir porque se desenvolveu um certo tipo aqui na Itália e um tipo similar ainda que não idêntico na Europa setentrional.

E enquanto dais saltos mortais e andais em ziguezagues, o tempo, a geografia, a história, ou seja, o antiquíssimo condicionamento de lugar e de povo, de (...) verdade mediante as forças naturais, feita pela vontade humana, guiada na base dessas forças. Essas forças não são as vossas. A boa vontade não é a vossa vontade, mas essas forças e a vossa vontade são análogas.

Deveis, ou deveríeis, aprender alguma coisa com os acontecimentos, com os fenómenos. Mas jamais aprendereis com as cortinas de fumo da BBC, com as suas mentiras e com a propaganda de Fleet Street, que em cada semana, em cada dia quase, é desmentida pelos acontecimentos e pelos fenómenos visíveis.

Duas grandes nações aprenderam o que vós não conseguistes aprender: a responsabilidade individual, precisamente. Faz parte do conjunto. E faz parte do conjunto nos termos do antiquíssimo sentido comum relacionado com a propriedade da terra.

Não está escrito em nenhum lugar do céu que o homem que planta na terra deva ser uma presa permanente dos usurários.

Não está escrito em parte alguma que o sistema que induz os homens a voltarem-se para a terra para aumentar a produção agrícola tenha que ceder o passo a um sistema de usura, de oportunismo.

Até onde a minha memória chega, a América quis a diplomacia do dólar. Não tendes quaisquer escrúpulos com a diplomacia do dólar, com essa penetração comercial a pretexto da expansão do domínio; faz agora quarenta anos, ainda eu não tinha o *Dodge* preto. Nem sempre nós, os americanos, inventamos as nossas novidades. Pensamos quase sempre que é novo o que não é. De maneira que, desde o princípio do século, não tivemos escrúpulos com a diplomacia do dólar .

Existe alguma proibição divina que impeça outras raças de reconhecerem nesta penetração uma expansão do domínio americano?

Não existe!

Vós não acreditais no comunismo. No fundo, acreditais na propriedade da terra, pelo menos em teoria. Todos vós, pelo menos a maior parte de vós, pergunta por que razões não será assim para cada um de vós em particular. Sempre, nos dois hemisférios, as melhores coisas do mundo derivaram da propriedade da terra, seja qual for o nome que se lhe tenha dado e qualquer que tenha sido a língua. A base é essa.

Existe nos Estados Unidos um usurário, um príncipe dos mercadores. Ninguém prestou demasiada atenção às suas particularidades menos humanas, não se deu publicidade à chamada questão social , quase nenhum dos que me escutam é consciente de que ninguém disse ou pensou que exercitar a própria actividade comercial como sociedade, indivíduo ou família, comércio, navegação, etc. com dinheiro emprestado não é um acto comercial. Afirmação que nos últimos oitenta anos parecia estranha, pelo menos estranha, a 99% dos que a ouviram.

Descobri que na cabeça dos homens não existe uma distinção precisa entre comercial, entre a palavra comercial, e a palavra mercantil, usada pelos equívocos sistemas mercantis. Quer isso dizer que na mentalidade ocidental não é muito clara a diferença entre comércio e usura, pelo menos a partir de, digamos, 1694. E viveis no meio de traficantes.

Sei bem que o éter não é o meio mais habitual para discussões sérias, mas espero conseguir encontrar pelo menos um ouvinte em dez mil disposto a seguir um raciocínio, mesmo que difícil.

O problema da justiça não é um problema superficial, garanto-vos.

O problema de juros sobre o dinheiro não é um problema superficial.

Na Europa tiveram que passar mil anos para se obter uma resposta; quero dizer, a resposta justa, isto é, a separação do trigo e do joio (...) duas coisas diferentes devem ser separadas nas vossas cabeças. Uma carga corrosiva que no final destrói qualquer nação, destrói-a a partir de dentro, condu-la a relações externas instáveis, separa-a da terra, que é desprezada; e a terra que se deixa apodrecer inutilmente, que se deixa secar, conduz o povo a um modo indecente de raciocinar (...) e transforma países civis em países pequenos ou fracos, sempre prontos a pegarem fogo às nações.

Separai o trigo do joio.

Sei o que deve preocupar um homem honrado. Sei o que me preocupava quando tomei posição pela primeira vez contra a doutrina da livre distribuição das forças. Não tenho um século e pico de tradição *quaker* na minha família para não me preocupar com qualquer coisa que pareça contrária à paz.

A injustiça é contrária à paz, não o podeis negar.

A injustiça não comove.

Disse-vos antes que a luta de classes na América é uma fantasia ou um exotismo de importação.

E dei-vos o exemplo adequado, o da família Wadsworth, reunindo-se 250 anos depois dos dois irmãos Wadsworth terem desembarcado em Massachussets. Estavam representados na família todas as diferentes condições sociais e todos os tipos de pessoas, desde agentes de câmbio a comerciantes e vendedores ambulantes, e mesmo duas anciãs, a favor das quais se abriu uma colecta. Os anais da família de tempos anteriores recordam também o caso de um rapaz de dezasseis anos que vendeu o cabelo por um xelim, o primeiro dinheiro que viu na vida. Daí ao *Remember the Maine* há uma certa distância.

A luta de classes não é um produto americano; não nasce nas raízes da nação. Faz parte do nosso processo histórico. Em contrapartida, a solução racial é uma solução europeia, uma solução existente no solo da Europa, profundamente enraizada, inextirpável. Que dizeis a isso?

Estudastes ou ireis estudar o processo histórico americano ou dos Estados Unidos. Proliferaram colónias racialmente muito homogéneas. Inauguraram uma tradição para o problema do dinheiro, não contra o dinheiro, não uma colónia de agricultores que combatia o dinheiro, mas a colaboração entre o campo e o dinheiro. Inauguraram-na na Pennsylvania, e o mundo exclamou: Que prodígio!

Mas um governo monopolista injusto e usurário impede o fluxo do dinheiro; do dinheiro concedido aos colonos para ajuda no seu trabalho agrícola, para a produção dos seus campos. Eram somas que não iam parar ao grupo das sanguessugas e dos aproveitadores. Trinta anos depois o governo monopolista e injusto, isto é, o governo britânico, intrometeu-se nas colónias.

Estais dispostos a cometer a mesma tolice agora? Agora que os diversos sangradores e trapaceiros de Londres tentam de novo a mesma coisa contra o colonizado povo americano? A opressão da usura e a tentativa de sufocação dos outros trabalhadores do campo e dos agricultores.

Bem, estais dispostos?

Fala Ezra Pound.

28 de Maio de 1942

O GENTIL-HOMEM DECAÍDO

Aqui a Voz da Europa. Fala Ezra Pound. Título: O Gentil-Homem Decaído.

Entre as minhas recordações americanas está a do gentil-homem decaído, vestido com uma jaqueta andrajosa, que vendia mel num bar de Washington.

Querendo conhecer opiniões diferentes das da imprensa ou do Congresso e os resultados do *New Deal* e das consequentes fraudes americanas em 1939, para saber o que pensava de todo o assunto, pedi-lhe o parecer, preferindo o dele à do figurão que sorvia uma ostra, e obtive esta resposta, indubitavelmente incontroversa: «Os da nossa geração encontraram-se de repente diante de muitas confusões».

Este homem representava, indiscutivelmente, o verdadeiro homem da rua, naquele momento pouco ou só temporariamente afastado da rua, e contrastava com os rufiões da BBC.

A clareza de cada homem deve começar dentro da sua própria cabeça.

Por isso me proponho pôr em ordem as minhas ideias e de comunicar essa ordem, na esperança de que isso possa ajudar os ouvintes a ver onde estão a pôr os pés.

Em primeiro lugar, todos, incluídos os famosos deputados ingleses, sabem muito bem que qualquer país saudável prefere o fascismo ao comunismo, em especial se conheceu os dois de perto.

Merecem um estudo as condições de trabalho, a maneira como foi tratado o *material humano* na construção do canal do Volga (os seres humanos são chamados na Rússia material humano).

Os que me escutam não podem saber nada da Rússia se não ouviram ou leram alguma coisa sobre a medonha situação daquele país. Sobre isso e sobre outras coisas. Se não consideraram o número de vidas humanas ceifadas pelo sistema estalinista antes da organização do gigantesco exército russo, que ameaça a herança de toda a Europa.

Foi tornado público um número suficiente destes factos, que iluminaria qualquer homem sensato.

Como, por exemplo, o sistema bolchevista de convencer os cidadãos a construírem ou a comprarem apartamentos que depois lhes são arrebatados, como pude saber de boa fonte através de uma das vítimas desse sistema.

Nem os agricultores, nem os camponeses, nem os comerciantes, podem esperar seja o que for do sistema comunista.

E o Bolchevismo difunde a patranha de que os não-judeus podem possuir bens.

Bolchevismo.

No que se refere ao bolchevismo, duas coisas são certas em toda a parte, excepto talvez na mentalidade obtusa de (...) ou de um (...) conselho.

Em primeiro lugar, o bolchevismo diz combater o capital.

Mas o bolchevismo foi criado por milionários judeus de Nova Iorque. Na realidade, combate a propriedade privada da terra e o espaço vital individual, o que equivale a dizer a cozinha e o quarto de dormir de cada um, o campo e o armazém.

A Inglaterra e os Estados Unidos puseram-se fora do jogo, deixaram-se arrastar para fora do jogo ao aliarem-se ao terror vermelho da Rússia.

Num sentido histórico poderia dizer-se que a diferença entre a revolução americana de 1776 e o terror francês instaurado em 1789 reside na raça de Adams, de Jefferson e do general Washington. A revolução americana foi uma revolução irlandesa-escocesa-americana, a francesa não. Daí, a semelhança entre as destruições, as matanças, e o que nos nossos dias vemos acontecer na Rússia.

A Inglaterra e os Estados Unidos deviam estar ao lado do Eixo contra o terror vermelho. Todos os ingleses e americanos o sabem.

Também o novo cómico de Canterbury não pode deixar de ter consciência disso, e os seus discursos e salmodias são mais um indício de nervosismo episcopal que verdadeira convicção. Em substância, o reverendo Temple confundiu tudo debaixo da sotaina e, poderíamos dizer, disfarçou tudo com estolas, dalmáticas e casulas.

O Ocidente funda-se na propriedade da terra, já que a nossa civilização e todo o mundo ocidental derivam do solo e da responsabilidade primordial e total do homem que produz a partir do solo.

Está tudo muito confuso?

Não, não há confusão enquanto os homens continuarem a assumir a responsabilidade de se alimentarem a si mesmos e de alimentarem as suas famílias com o que conseguem tirar da terra, semeando, fazendo amadurecer e colhendo, cuidando do gado.

Esta responsabilidade implica também não permitir que as vacas comam toda a erva do campo, já que uma parte deve ser armazenada como forragem para as alimentar durante o Inverno.

Mas nem todo o capital deste nosso desordenado mundo é resultado do trabalho.

O homem da rua traz na cabeça uma grande confusão, não apenas no que se refere ao dinheiro, mas também no que diz respeito ao ouro.

O ouro é produto de trabalho.

À parte algumas pequenas partículas reluzentes, uns pequenos núcleos, a natureza oferece ao homem uma amálgama de quartzo ou outra substância indistinta e ouro, fundidos num conjunto que forma cristais ou, no mínimo, uma amálgama sólida e dura ou (...) nos areais da Índia, e esse ouro é examinado pelos estudantes de química inorgânica.

Não se trata de carneiros e ovelhas. Não são amibas, como diz Shakespeare, quando avisa que o ouro não está vivo. Não se multiplica como os carneiros ou as ovelhas de um rebanho.

Plante-se e vejamos se brota na primavera com vinte, trinta, cem espigas.

O dinheiro não tem o menor interesse se não significar alguma coisa além de esterilidade.

O dinheiro não interessa se não representar, precisamente, qualquer coisa parecida com carneiros e ovelhas.

Desde a pré-história, a diferença entre o dinheiro e o metal sempre confundiu os homens.

O conceito do juro já existia antes da cunhagem de moedas metálicas. É muito mais justificado um juro sobre um empréstimo de sementes, sobre um empréstimo de carneiros e ovelhas, que sobre um empréstimo de metal não prolífico e não prolificável.

A percentagem justa do juro foi a única questão que os filósofos e moralistas não conseguiram estabelecer. Durante um milhar de anos, desde Santo Ambrósio até Santo António, trabalharam nisso algumas das melhores e mais honestas inteligências europeias. Na Europa, as moedas metálicas e o trabalho para produzir essas moedas são considerados trabalho. Com tudo isto não quero dizer que o público tenha uma ideia muito clara deste processo.

Há numerosíssimos escritos latinos referentes ao valor intrínseco e ao valor nominal do dinheiro. O transporte das moedas, a possibilidade de tê-las rapidamente à disposição, requerem uma técnica notável e notavelmente desenvolvida.

Em dado momento houve alguém que descobriu ser possível prescindir das moedas de metal.

Como Loomes descobriu que se podia enviar um sinal eléctrico sem utilizar fios, que a electricidade podia viajar através do éter. Desta descoberta não derivou nada prático, até que Marconi a transformou num sistema.

O crédito existe desde que existe a luz. Os homens conheciam o crédito muito antes de Benjamin Franklin mandar para o ar o seu aquilão. Mas Benjamin era um cientista. Ao fixar a lingueta de ferro à corda do aquilão buscava o conhecimento.

Em contrapartida, Edison visava o lucro quando mandou o seu aquilão ao ar.

Os bancos tiram proveito dos juros, principalmente do dinheiro que criam a partir do nada.

Moral da história para os meninos bons: Franklin morreu glorificado, e creio que em idade provecta. Edison morreu desonrado e quase desconhecido. E a sua fortuna foi naufragar numa ilha deserta.

No entanto, há na Europa uma grande confusão. Há várias fases que poderiam ser tidas como o aumento da confusão.

Primeira: a natureza profunda do homem e a rebelião contra a ideia de que o metal prolifera. Contra a ideia que a prata, o cobre ou o ouro podem crescer, quer sejam semeados ou encerrados numa caixa.

Segunda: a percepção de que o dinheiro, que representa qualquer coisa viva, vegetal ou animal, pode ter, até certo limite, direito a um benefício periódico, ou juro, se utilizado de maneira que favoreça a produção de algo útil, de algo agradável.

Terceira: existe um truque escocês de baixo estofo para obter juros de um dinheiro que não representa absolutamente nada. Dinheiro que está apenas à sombra de um sonho nebuloso e se baseia somente na credulidade dos homens e nas suas bem conhecidas boa fé e preguiça.

Por isso se dispara hoje, por Júpiter! Por isso se dispara.

Estais a seguir-me no raciocínio?

Seguis-me, ou serei acusado uma vez mais de dizer disparates?

Ah!, dizia aquele irlandês, ninguém pode estar em dois sítios ao mesmo tempo, a não ser que se trate de Deus.

Não estou a tentar estar em dois sítios ao mesmo tempo. Estou a tentar levar-vos a analisar uma nova ideia económica. Tentando induzir a vossa inteligência a conceber a natureza do movimento, a perceber a diferença entre o dinheiro e o crédito. Noutra ocasião tentarei fazer-vos compreender que o crédito é um fenómeno social.

«O dinheiro - dizia Aristóteles - o dinheiro não provém da Natureza, mas do costume. O dinheiro é qualquer coisa nata no homem. Não existe por si mesmo na Natureza. O dinheiro é um fenómeno social».

O crédito é um fenómeno social. Não aprofundarei por agora essa questão. Porventura já disse demasiado para uma só conversa.

Não sei se nos Estados Unidos se presta atenção às patacoadas da BBC, da *British Broadcasting Company.* Gostava de conseguir pôr os meus compatriotas em condições de as tomarem por aquilo que realmente valem e logo depois de as escutarem .

Esta minha conversação vai terminar a fazer finca-pé num só ponto, ou melhor, numa análise de ideias ou na análise de um ponto. Trata-se da questão do juro. A diferença do juro sobre o metal e o juro sobre o dinheiro e o juro sobre o crédito.

O que não existe é o juro sobre o dinheiro.

Queridíssimos irmãos, é o amigo Ezra Pound quem vos fala. Suponho que não tendes dúvidas. Se estais à escuta desde o início da conversa, já o tereis deduzido através da própria natureza da exposição.

Ezra Pound, que fala de Roma.

12 de Junho de 1942

DA CONTINUIDADE

(serviço gravado e retransmitido segunda vez)

(...) a vantagem da forma radiofónica. Só Deus sabe quando estarei na disposição de imprimir os factos num livro, ou nuns livros, que possam ser difundidos entre o público americano e inglês. De livro na mão o leitor pode voltar atrás sempre que queira, meditar sobre a informação de um capítulo determinado e verificar onde o capítulo décimo concorda com o capítulo primeiro.

De qualquer modo, com um esforço mínimo, podeis comprovar que é consequente aquilo que vos digo e que a conversação de Fevereiro não contradiz a de Abril.

E se vós, os de Iowa, de Wyoming ou de Connecticut, não fazeis esse esforço, se não escutais e não tentais perceber as tramas e os fios do que estou a tentar dizer-vos, perdeis o vosso tempo, da mesma maneira que o perdia o escritor que não lia a *Little Review*. Muitos já não recuperarão.

Não há entre vós um só que, tendo um mínimo de cultura ou pretensões literárias, não tenha lido a estas horas a *Little Review* ou os que foram formados pelos escritores da *Little Review*. Autores que devem tudo à *Little Review* e aos seus colaboradores, pela sua força, pela capacidade de levantar voo ou graças ao impulso inicial que lhes permitiu levantar voo.

Apesar de muitos, com efeito, terem uma visão fragmentária: Joyce e não Eliot, Eliot e não Windham Lewis.

Ouvi dizer que um milhão de americanos tirou proveito da leitura das últimas obras de Hemingway. É possível que dois milhões o tenham lido. Por sinal, não vi um único exemplar, mas isso deve-se talvez à situação dos transportes transatlânticos.

Mas existem tantas, tantas outras coisas essenciais, que eles infelizmente desconhecem. E, sinceramente, não sei onde poderiam encontrar as partes essenciais destas «outras», a não ser nas minhas transmissões radiofónicas. Com base nestas conversações, os jovens ingleses e americanos deviam construir as suas almas para o dia de amanhã, pelo menos as suas mentalidades, se não querem perder o tempo ou, simplesmente, ficar fora da vida.

De outra maneira nunca poderão ser os Hemingway de amanhã, nem sequer os Clark Gable de hoje.

Serão apenas cascas vazias abandonadas no fundo do armário, da mesma maneira gloriosa que os velhos exemplares de jornais, à espera de serem atirados ao lixo. Como aconteceu aos velhos georgianos que só seguiram Eliot quinze ou vinte anos depois, demasiado tarde, e tentaram construir pequenos nichos nas suas catedrais blasfemas, ninhos de ratos em corpos carcomidos.

Depois de cem audições, ainda é difícil decidir por onde começar.

É bem certo que os Estados Unidos não compreendem. Esta guerra é uma prova tão grande dessa enorme incompreensão, dessa embrulhada ignorância, de tanto filão de mau conhecimento, que chego a indignar-me com o tempo que perco a mudar a fita da máquina de escrever, tantas são as coisas que deveriam ser metidas na cabeça dos jovens americanos.

Não sei que deixar agora, não posso escrever duas coisas ao mesmo tempo. Os factos essenciais, as ideias, amontoam-se. Tento também dizer o mais possível em dez minutos. A forma sintética fica bem num livro, facilita a leitura, e o leitor sempre pode voltar atrás e reler o índice.

Talvez se eu tivesse um pouco o sentido da forma, uma certa instrução jurídica, Deus sabe qual, poderia fazer compreender melhor estes problemas mais para lá do Atlântico ou da Mancha.

Arte, economia, patologia. Deveríeis saber qualquer coisa sobre estas matérias. Deveríeis sair desta guerra, ficar fora dela e impedir a próxima. Devíeis mudar o velho e pestilento sistema. Arte corrompida, patologia artística, atraso universitário.

Como se desenrola a luta de classes?

Que é isso? O professor não sabe? É necessário discernir entre dois ou quatro argumentos, ou não chegaremos a parte alguma numa só conversa.

Muito bem, começarei com o «como se desenrola». Dois pedacitos de ignorância que foram colocados dentro de uma massa, de um congresso de especialistas. Não, comecemos com alguma coisa que já tenha sido discutida na América durante vinte, trinta anos.

O médico que analisa a literatura. As discussões tontas sobre a loucura da pintura moderna. Aborrecem-me mortalmente. Trata-se em grande parte de questões banais, mas o defeito essencial reside nos seus limites e nas críticas, não na preocupação principal que induziu médicos eruditos a ocuparem-se disso. O que não funciona nas críticas é a falta de proporções.

A saúde é mais interessante que as enfermidades: a saúde é total. A beleza é mais interessante que o defeito. Nós, a maior parte de nós, fomos arrastados pelo nariz, ou, no melhor dos casos, os intelectuais foram quase todos desencaminhados, não porque não tenham cérebro, mas pela sua parcialidade, no sentido original do termo. Os intelectuais são geralmente um fastio porque escorregam no snobismo e no colorido.

Quando tinha quinze anos, um tuberculoso ofereceu-me um exemplar de *Salomé* com ilustrações de Beardsley. Rasguei-o porque eram inconvenientes. Durante mais de dez anos considerei esse meu acto um fanatismo estéril. Cheguei a perceber, digamos assim, o condenado valor das distorções de Beardsley (...) a elite sádica, os velhos goliardos.

Mais tarde, uma mulher pervertida embora agradável, ofereceu-me timidamente um Beardsley em segunda mão. Tratava-se de um volume pertencente a um esteta efeminado. O significado da oferta tornou-se claro para mim. Não penso que da sua parte tenha havido qualquer intenção, pois, provavelmente, dava-lhe o descanso e o consolo que não conseguia encontrar em Praxiteles ou em Botticelli. De qualquer modo eu já tinha mais anos, os desenhos eram bons e, como a patologia não me interessava, não voltei a falar até agora desse sucesso.

Têm razão os médicos que começaram a preocupar-se com os tumores que atingem a arte moderna. Quero dizer, têm razão em estar preocupados. Na sua maior parte, porém, mostraram-se incoerentes nas afirmações relativas à cor. Isso devia-se a ignorância, à ausência de uma herança cultural, mas também é verdade que, por outro lado e na sua maior parte, estavam no caminho certo.

Sustento que a futura crítica da arte se poderá pôr à altura de definir as componentes da margem de usura, isto é, quanto poder teve ou não teve a usura ao pintar-se determinado quadro.

Além disso, há que ter em conta o sentido do traço. A precisão de linhas desaparecerá; à medida que as pessoas forem perdendo a base ética da vida, aumentará o interesse pelo particular e as sugestões de luxúria. Perdido o amor pela distinção autêntica e verdadeira entre uma ideia e outra, o diagnóstico substituirá o amor, a análise deixará o terreno à polémica.

Serão estes os passos e as rasteiras que nos hão-de conduzir ao Nirvana. Entrará em jogo a falsificação. Os homens honrados que virem um dogma ou um estilo ser falseados preferirão ser analistas. E serão parciais. Os mais generosos, fortes e redundantes. Os melhores, sim, os melhores, passarão a ocupar-se da saúde.

Por exemplo, Manet eliminou a falsificação da cor na pintura formal. Monet reduziu tudo a uma análise de luz e cor. Ambos, ainda que por vias distintas, contribuíram para a arte mundial. Manet, um dos maiores do mundo.

Mas aquilo que num homem forte é temperamento, torna-se mal-estar e falta de equilíbrio no homem fraco. Até certo ponto é difícil distinguir. O que segue a corrente aprende em primeiro lugar a tolerar a fraqueza, a seguir acostuma-se a ela e, finalmente, abandona-se à desolação.

O equilíbrio, a beleza, a ordem mediterrânicos (...) o mundo era mais sábio quando o culto do feio não tinha atraído a atenção de ninguém. Oh, sobretudo da pseudo-beleza das caixinhas de chocolates e outras coisas semelhantes, pois qualquer defecção da regra principal pressupõe decadência. É um falso amadurecimento, um fruto amargo a apodrecer.

Beardsley era um homem doente. Sabia como fazer rapidamente um nome e quis fazê-lo. Interesse pessoal, falta de fé no que é ou no que deveria ser a arte. Sabia que não tinha tempo para aprender a pintar. O seu impulso juvenil levou-o à beleza pré-rafaelita. Os seus primeiros desenhos faziam lembrar Burne-Jones, e isso era o que ele não queria. Odiava Yeats porque não tinha seguido a mesma linha. Beardsley não era um preguiçoso. Era um inválido heróico, o limite das suas próprias forças. E em privado não tinha coragem de mentir a si mesmo ou aos amigos. Dizia: «A beleza é dificílima».

E eu repito: a beleza é dificílima.

Todos vimos como se caluniava e ofendia o culto da beleza. O esteta é um artista que não quer sofrer. Não está na disposição de arcar com a fadiga necessária para pintar um bom quadro, escrever uma boa novela ou um bom poema. Tudo se torna fragmentário. Nada é total.

E chega a grande perversão, a grande decadência, quando a pintura se faz para ser vendida. É isto que sucede quando o pintor decide querer viver: andar de cabelo comprido, comer bem, embora não podendo proceder assim se aspira a pintar ou a realizar. Depois, chega a riqueza. É o fim. O final completo de um pintor. Ninguém consegue resistir ao luxo.

Todos gostamos de viver bem. Essa é uma fraqueza minha. Conheci homens que conseguem passar com pouco. Mas não conheço nenhum americano que consiga criar, e os homens que se arriscam a isso são loucos ou fanáticos. O snobismo faz de todos irmãos.

Tanto quanto sei, ninguém além de mim teve a coragem de reparar que desde há quatro anos o melhor pavilhão na Bienal de Veneza tem sido o alemão. Todos os miseráveis troca-tintas dos outros pavilhões, entretidos a copiar Monet e Renoir com sessenta anos de atraso, ficaram assombrados com a solidez da construção. De facto, era o único pavilhão que não tinha sofrido ruínas. Todos os outros sofreram, uns mais, outros menos.

As câmaras futuristas são sempre uma afirmação de propaganda que pode ir por si mesma sem qualquer dos quadros que existem no mundo.

Quero dizer que a linha principal da propaganda futurista é uma ideia e que a pintura é um acessório. Um acessório que demonstra que a ideia tem dimensões que não são uma simples ideologia. É uma boa ideia. Não é uma ideia completa. Em todo o caso, necessita da expressão plástica. Tem uma plástica imperfeita, sintoma da sua força, mas não nasce de uma necessidade plástica.

A saúde é cruel, ou melhor, a saúde vai acompanhada do que parece cruel aos bacilos. Um homem de perfeita saúde não se preocupa com o bacilo. No entanto, está perpetuamente rodeado de caixas de medicamentos e de desinfectantes.

Pelo amor de Deus, olhai para a vossa arte.

Quando a arte se deixa subordinar ao comerciante de quadros, os museus americanos apoderam-se do que sobra depois do *amateur* europeu escolher «o melhor figo do cesto».

Fala Ezra Pound.

Sei que não progredi muito com esta pequena conversa, por isso espero a próxima. Maldita saúde. Neste interlúdio, pensai na saúde.

Fala Ezra Pound.

6 e 7 de Julho de 1942

OBSCURIDADE

Aqui a Voz da Europa. Fala Ezra Pound. Título: Obscuridade.

Estais na obscuridade e na confusão mais negras. Fostes levados para a guerra contra a vossa vontade e não sabeis nada. Nada sabeis das forças que a provocaram, ou, bem, não sabeis quase nada.

Encontro-me na trágica situação do que trabalhou durante vinte e cinco anos para a evitar mas que, de facto, não conseguiu evitar. A verdade, porém, é que a fé no destino não é necessariamente uma fé no sentido de não termos qualquer dever, de não devermos tentar aprender sempre, de nos sentarmos passivamente diante dum mal antigo.

A guerra não teria deflagrado se houvesse um pouco mais de conhecimento, se se tivesse eliminado um certo número de incapazes e de cobardes.

Pois bem, os europeus, que devem saber um pouco mais que os ganhões das fábricas americanas, foram enganados por serem ignorantes. É possível vender quinze edições de um livro em cada quarenta anos sem que com isso se consiga corromper a mentalidade de uma nação.

Algumas das coisas que digo não são uma novidade, mas creio que todas são necessárias para se saber de que lado sopra o vento.

Deveis compreender alguma coisa ou morrer. Compreender; compreender ou morrer.

Nem todo o poder de compra é fruto de trabalho.

Os incapazes vivem com esse poder de compra que não provém do trabalho.

Ora bem, há poderes de compra conseguidos pelo trabalho, e o próprio trabalho, suficientes para tornar possível toda a cultura, todas as disciplinas, todas as artes, todas as actividades humanas, a vida honrada em geral.

O poder aquisitivo suplementar não cria nada. Faz apodrecer todas essas coisas. Não cria nada que torne a vida digna de ser vivida. Combate-a, despreza-a, desonra-a.

Mil anos de pensamento europeu serviram para formar o que há de melhor na vida, tal como nós a concebemos, ou como a concebíamos antes dos dois últimos conflitos bélicos. Como conflitos propriamente ditos, eram necessários para dispersar as nuvens, os maus cheiros, os grilhões do monopólio.

Não há qualquer necessidade intelectual que imponha a libertação através de canhões, carros de combate e metralhadoras. É caso para dizer que a estupidez e o cérebro de galinha dos homens são tão densos e permanentes, que sem uma publicidade explosiva a Humanidade nunca teria compreendido nem teria dado atenção às raízes do mal.

A Europa combate por uma vida honrada. Os falhados combatem para a impedir.

Até as minorias britânicas, até as minorias britânicas estão confusas, obstinando-se teimosamente em alguns jornais espampanantes. Mas são os ingleses ou são outros que combatem em nome de tão poucos esplendores?

Admito que a voz oficial na Inglaterra se mantém afastada destes debates, mas existe um sentimento vago, indistinto, fugaz, que lá no fundo faz pensar que se perderá muito se a Ásia vencer.

Pois bem, é errada esta opinião?

O sentido de vida honrada é maior na Itália que na Inglaterra. A Inglaterra não sabe isso. A Inglaterra não conhece a honrada vida italiana. Os italianos são diferentes: chega uma a falar mal da outra.

Falemos de organizações, agora. Desejo falar de organizações. Mas não serve de nada organizarmo-nos enquanto não soubermos para quê.

Deveríeis organizar-vos contra esta sabotagem mundial: a sabotagem de tudo o que é adequado à vida de um ser humano. E deveríeis organizar-vos no sentido da justiça. O vosso sentido da justiça foi corroído durante decénios. A corrosão torna-se operativa, sobretudo porque as pessoas não sabem, e dessa ignorância resulta o medo.

Pois bem, porque combateis vós?

Combateis pelo sistema congressista? Combateis pelo sistema parlamentar? Duvido.

Pela democracia? Mas, que entendeis vós por democracia?

O homem deveria combater, isso sim, mas contra a injustiça.

Muitos homens combatem por ambição; não talvez pela sua ambição.

Combatem por instinto. E isso só é bom até certo ponto.

Combatem pela sobrevivência. Pela sobrevivência racial. Mas, combateis vós pela sobrevivência racial? Duvido que tenhais pensado muito nisso, na sobrevivência racial. Bem, aconselho-vos começar a pensar agora.

O instinto britânico veio a menos. Muitos ingleses padecem de uma tal depressão que quase preferem o suicídio. Quero dizer: conscientemente, de facto. E é um facto que durante determinado período estiveram a suicidar a sua própria raça. Abertamente. Glorificando as famílias pouco numerosas. Glorificando a limitação de nascimentos. Tudo isso é totalmente contrário à sobrevivência.

Os homens combatem por culpa do seu carácter belicoso e da maldade. Isso também pode ser compreensível, mas não é recomendável.

Penso que os ingleses e os americanos, que nunca chegam a combater pela sobrevivência, se deveriam adaptar ao estado de clareza dos europeus. Deveriam combater pela raça. Depois se procuraria uma solução para as outras raças ou para as tensões raciais. Mas tende cuidado: um fruto podre faz apodrecer toda a fruta do cesto.

Todos os sistemas de eleições parlamentares são superficiais. Talvez não sejam totalmente superficiais, mas devia haver algo mais profundo, como uma convicção, uma realidade. Não pode haver apenas demagogia e mentira. Naturalmente podem pôr-se paredes de vidro no Congresso e, em tal caso, saber-se melhor que espécie de combinações preparam ao povo os seus representantes.

Deveríeis aprender com a Europa. Recordai-vos que o nosso sistema foi instituído a partir do estudo de instituições inferiores, do estudo do sistema de governo britânico, mas com a esperança de melhorá-lo.

Podeis perfeitamente conservar a Constituição. E, com essa Constituição, cada Estado da União reorganizar o seu próprio sistema de representação.

Numa base corporativa, todos e cada um dos Estados podiam eleger os seus próprios parlamentares. Pennsylvania, New Jersey ou Delaware; de acordo, podia ser mais difícil na «baronia», mas todos e cada um dos Estados podia organizar a sua própria representação parlamentar numa base corporativa.

Carpinteiros, artesãos, mecânicos, podiam ter um representante seu. Escritores, médicos, advogados, também podiam ter o seu representante.

Legal e constitucionalmente, podeis muito bem dividir a representação de todos e de cada um dos Estados em actividades e ocupações. E cada cidadão participe da vida do Estado ver-se-ia assim representado no Congresso. E o Congresso adquiriria uma honradez e uma realidade que nenhum americano dos nossos dias pode sequer sonhar.

Os actuais parlamentares são de tal modo ignorantes que houve pessoas que julgaram útil dar-lhes aulas de instrução parlamentar.

Também sustento que os parlamentares deviam ser submetidos a pelo menos um exame das matérias sobre as quais se pensa que vão ser chamados a votar.

O sistema assemelhar-se-ia ao dos mandarins chineses.

Pois bem, talvez não. O inestimável sistema chinês de exame tinha alguns méritos. Mas também comportava riscos de mau funcionamento. Podia não funcionar. Não digo que não fosse conveniente que os parlamentares fossem submetidos a exame. O pobre sempre podia aspirar à candidatura. A tendência deveria ser essa. Eu inclinar-me-ia a apoiar inteiramente tudo isso. Mas pressinto dificuldades.

Penso que a representação através da actividade e das profissões é uma solução melhor. Se quiserdes, com diferentes exames para as diferentes actividades e profissões. Para que cada qual pudesse realmente representar a própria profissão; com as melhores qualidades, o mais activo conhecimento da própria profissão.

Tudo isso conduziria seguramente a um Estado eficiente.

As normas sanitárias deveriam ser decididas por alguém que soubesse que o carvão não arde espontaneamente nas minas enquanto o mineiro joga tranquilamente as cartas.

É famosa a ocasião em que dois homens entraram nas sessões obscuras e inúteis do Parlamento britânico e disseram algumas coisas sensatas.

Naturalmente, não lhes foi prestada atenção. Lloyd George levantou-se e soltou um impropério. Mas um dos deputados tinha trabalhado em minas e explicou o que é uma jazida carbonífera. Outro, tinha trabalhado numa sala de máquinas. Ninguém lhes prestou atenção. Mas se tivessem falado para representantes da sua actividade e profissão, as suas palavras teriam sido escutadas.

Então, logo que o interesse e o conhecimento de uma actividade se traduzissem numa proposta, tal proposta deveria ter em conta as actividades similares e, posto a claro o verdadeiro interesse, a questão seria discutida e decidida de acordo com o interesse nacional.

Na prática isso não sucede nos actuais sistemas parlamentares inglês e americano, em que se faz caso omisso do povo, e as decisões são adoptadas nas suas costas por aquilo a que se chama pressões, corrupção, suborno ou boicote.

Seria muito mais difícil pôr em prática todas estas más acções numa câmara em que a base fossem as actividades e as profissões.

Estou a falar-vos, falo-vos, como disse Jimmy Whistler ao pintor Chase; quero dizer que não estou a discutir, estou simplesmente a falar.

Depois podeis guardar a vossa Constituição, que já não interessa a ninguém, nem a cães nem a porcos.

Mas, ainda que seja apenas de um ponto de vista técnico, digo-vos que toda essa gente a defende só para poder continuar a pescar em águas turvas. Muita gente deseja que continue raquítica e ineficaz para que não venha a interferir nos seus diversos *rackets*.

Estou a dizer-vos o que deveis fazer para lubrificar a máquina e substituir algumas das engrenagens, de maneira a pô-la a funcionar como desejavam os que a inventaram.

Boas noites. Fala Ezra Pound.

13 e 14 de Julho de 1942

(SEM TÍTULO)

(Emissão começada com atraso) (...) Através das fontes oficiais, continuais sem saber porque se combate.

Não conseguistes ouvir a voz da razão.

Não falo da minha voz. Digo que estais surdos, que fostes obtusos, porque pelo menos durante quarenta anos não escutastes nenhum dos críticos ingleses ou estrangeiros que vos disseram coisas sensatas.

Não estou a afirmar que ao abandonar a Inglaterra em 1920 tinha juízos e impressões mais claros do que na realidade tinha.

A liberdade não é um direito, é um dever. É um lema italiano.

Não quero afirmar que tinha qualquer coisa mais além de um evidente gosto pessoal pela autarquia individual.

A anarquia americana e o fascismo italiano estão perfeitamente de acordo sobre a conveniência da autarquia pessoal. Não é um direito, é um dever.

Esta ideia pode parecer extravagante. Quero dizer que pode parecer estranha aos concidadãos ingleses. Seguramente estáveis melhor quando os vossos escolares recitavam MacCaulay e o compreendiam. Naquela época o vosso sentido dos valores era bastante melhor. Em 1931 ainda havia alguém que falava. De facto, até começar a guerra ainda havia alguém que falava e que se fazia ouvir.

Nunca ninguém classificou Chesterton como extravagante. Talvez nos meus ardentes anos juvenis o tivesse definido de muitas maneiras, mas já passei essa fase.

Ora bem, em 1931, em 21 de Novembro de 1931, nas colunas do seu *Weekly,* Chesterton disse: «O jornal é uma máquina para destruir recordações públicas. Quando defino assim o jornal quotidiano, quero dizer que existe principalmente para apagar as recordações de ontem. A opinião pública abandonada a si mesma teria um sentido de perspectiva. Tende isto bem presente: é muito importante recordar. Considerai importantes certos acontecimentos, mesmo que não sejam recentes. Reconhecereis naturalmente velhos amigos e antigos inimigos e os homens que contam nessas questões».

Referia-se às greves durante a Grande Guerra. Falava de uma figura imunda, hoje desmascarada, chamada Ramsay MacDonald.

E cito de novo Chesterton: «MacDonald deveria ter-se chamado MacNab quando se comportava como o bolchevista que se apodera dos nossos bens, e MacIntosh quando representava uma das nossas melhores e mais acérrimas defesas contra o mesmo bolchevismo».

A frase que acabo de citar poderia ser adoptada em toda a parte, mas não pretendo divagar ou fustigar o cavalo morto que é MacDonald.

Passaria gostosamente outras veladas como esta para tentar fazer-vos reflectir sobre a profundidade e a importância das afirmações iniciais de Chesterton: o jornal, o vosso jornal, a imprensa, é uma máquina para destruir a memória, a memória pública, para desviar e cancelar a memória de ontem e a de anteontem.

Qual a causa de tudo isto? Quero dizer, porque existe uma imprensa com essa finalidade específica?

É uma lástima que não haja um número maior de pessoas a viverem isoladas, pelo menos encerradas uma vez por ano durante uma semana com uma montanha de jornais velhos na frente, para descobrirem o que sucedeu e o que se escreveu contra a corrente ou a favor da corrente há dez anos atrás.

Certamente ninguém pensará que Chesterton escrevia em 1931 ou 1932 para fazer propaganda ao Eixo.

«Os grandes negócios dependem dos grandes banqueiros», escrevia Chesterton em 26 de Setembro de 1931 num artigo intitulado *Previsões na Inglaterra.* «Os grandes banqueiros que governam a Inglaterra como se esta fosse uma filial de Nova Iorque não são bastante americanos para poderem fazer parte de um círculo norte-americano»

Em 1931, Chesterton tinha alcançado aquela concisão de linguagem que, vinte anos antes, teria evitado os meus furores juvenis contra a sua veia poética.

E prossegue: «Essas pessoas são dependentes de dependentes de dependentes. Ninguém é independente, excepto uns poucos financeiros estrangeiros que operam no outro lado do Atlântico». E conclui o parágrafo com ironia amarga: «É uma garantia de que seremos sempre os donos do nosso destino».

Mais que ironia, é um símbolo, uma frechada.

É possível que a frase de Chesterton tenha sobrevoado por cima das cabeças dos seus leitores. Parece ter sobrevoado por cima da intelectualidade britânica. «Indiferença perante os factos», dizia Chesterton. E tentava distingui-la da estupidez.

Em política, a indiferença perante os factos é uma debilidade. Recusando encarar os factos, os ingleses deixaram-se governar por judeus e americanos.

Isso dizia Chesterton em 1931. No entanto, como os meus pobres compatriotas continuam a ser governados por hebreus e pela pior escória do judaísmo, penso que a situação é a mesma.

A raça anglo-saxónica está ameaçada pelos Rothschild nas suas duas actuais ramificações. Um verdadeiro pecado. Se enviarmos ao matadouro uma quantidade maior de gado (...) amordaçados, mandados ao matadouro ou empurrados para o garlito, como toupeiras cegas.

Atentemos na burla corrente. Em sessenta por cento dos casos, funciona.

O controle do crédito nacional, com o dinheiro.

A respiração da prata e do ouro; do ouro e da prata.

Que importam ao cadáver os pregos cravados no caixão? Podem ser de ametista ou de platina, como podem ser pregos vulgares de uma loja de ferragens.

O caso é que Chesterton escrevia na Inglaterra, para a Inglaterra, há dez ou doze anos. Não fazia propaganda a favor do Eixo. Fazia talvez propaganda a favor da Humanidade, propaganda humana, propaganda civil, que se opunha a todas as abjectas porcarias de Fleet Street. Mas do seu recife ou farol não resplandeceu luz.

Agora já não se cita Chesterton; pelo menos na BBC. É um pecado que tudo o que é Inglaterra, que tudo o que foi feito à Inglaterra digna de ser Inglaterra, fosse arrasado pelos fariseus de Nova Iorque, pela imundície que deixastes criar no vosso regaço.

Durante mais de um século acarinhastes e alimentastes a sífilis.

Difundistes o contágio dessa peste bubónica e transmitiste-la a Wall Street.

Nunca fizestes nada para a curar, maldição!, nada!

Infestou o mundo e fez com que o nome da Inglaterra fosse maldito desde Pretória até Singapura e Calcutá. O seu centro situa-se agora no outro lado do Atlântico, por isso não vos devemos nenhuma gratidão se agora vos pusestes a devorar as energias vitais dos americanos.

Não seria pecado se vos afundásseis, afogados por um sistema que destroçou toda a cultura clássica, que destroçou tudo o que havia de melhor na Inglaterra.

Isso demonstra que a imprensa britânica teve êxito na sua missão de lavagem ao cérebro, na destruição da memória pública e privada nos nossos dois desgraçados países.

Aqui Ezra Pound, que fala de Roma. O significado de Churchill e do bolchevismo encontra-se nas valas comuns de Smolensko.

Fala Ezra Pound.

13 de Junho de 1943

(SEM TÍTULO)

Aqui a Voz da Europa. Fala Ezra Pound.

Uma ideia é colorida por aquilo que contém. Tomemos, por exemplo, a mais ou menos teutónica ideia do materialismo. Marx e Engels divertiram-se a brincar com a filosofia de Hegel e desenvolveram o que se deu em chamar materialismo marxista. Muito rapidamente tal coisa foi introduzida na Rússia e, depois de vinte e cinco anos, que temos?

Temos que aqueles escravos vociferantes se lançaram a uma cruzada puramente metafísica, tipicamente russa, enlouquecidos, como nos excessos medievais, absolutamente esquecidos das questões materiais.

Penso que todos admitiremos que o trabalhador alemão, materialmente, está muito melhor que o seu colega russo. Materialmente falando, a reforma industrial proposta por Robert Owen e outros, como Sir John Hobhouse, aprovada por Marx na sua substância, todas as metas britânicas que levaram Marx a escrever o seu décimo capítulo, primeiro capítulo do *Capital*. Quanto a mim, bem, todas as metas tendentes a conseguir que o trabalhador seja alimentado, vestido e alojado decentemente e tenha condições de vida e horários de trabalho decentes, foram alcançadas mais na Alemanha que na Rússia, apesar das etiquetas e dos programas.

Bem, uma certa propaganda inimiga pretende que a Alemanha se fez comunista. O que ninguém pode é acusar a Europa de se ter feito russa ou acusar a Alemanha de se ter feito russa.

Marx analisou a Inglaterra, pensou acerca da Alemanha, mas divagou sobre a Rússia, país em que a investigação era impossível. Durante anos ninguém viu o que realmente sucedia. Tudo era metafísica: grandes programas e resultados paupérrimos. Os russos ignoravam certamente as condições de vida dos trabalhadores estrangeiros.

O que produziu tudo isto? Talvez a natureza material do animal eslavo ou do tártaro fanático. Consideremos algumas das palavras do programa.

«Materialismo»: que significa?

Ides continuar a mantê-lo?

Ides mantê-lo, seja o que for que signifique? Ou sois materialistas apenas na condição de que isso signifique alguma coisa em especial, alguma coisa que é preferível a outra?

O velho George Santayana definia-se como materialista. O que deixou William James estupefacto. O velho William disse ao jovem George que a sua filosofia, a filosofia de Santayana, quero dizer, era corrupção organizada. Não posso concordar com o diagnóstico de James. Parece-me que Santayana concorda substancialmente com Tomás de Aquino; quero dizer que o materialista Santayana acabou por escrever um livro intitulado *O Reino do Espírito*. De vez em quando leio-o para aplacar o cérebro abrasado, quando me volto para S. Francisco ou para Mencken.

Tomás de Aquino afirma em certo ponto que a alma é o primeiro acto de um corpo orgânico. Bem, perguntei a Santayana o que queria isso dizer e ele respondeu-me: «mentalidade». Dá-me a impressão de que se quer esconder atrás de um dedo. De qualquer modo, a definição materialista da alma parece querer dizer que se trata do primeiro acto ou da primeira acção, ou da primeira condição de um corpo orgânico.

Não mo perguntem a mim!

Estou simplesmente a tentar demonstrar até que ponto uma palavra, uma ideia, a palavra «materialista», pode ser reivindicada por pessoas que jogam com abstracções. Aparentemente, todas estas coisas têm um valor metafísico.

Mas voltemos aos grandes factos materiais.

Um materialista marxista prefere as condições humanas ao trabalho, ou o trabalho às condições desumanas?

Num universo materialista contam para alguma coisa os progressos autênticos das condições dos trabalhadores alemães?

Ou o materialista prefere o russo trapaceado e em estado metafísico, em que ninguém tem um quarto que seja verdadeiramente seu?

Penso que isto conta. É uma questão de administração, de administração material.

Sou a favor do controle local.

O princípio do controle local atingiu alguns progressos nas últimas oito semanas, nos jornais e nas discussões radiofónicas. No papel e no éter, o Komintern declarou-se favorável ao controle local da administração.

Nem se trata de uma questão material nem de uma questão metafísica. Julgo que importa muitíssimo saber quem administra. Acho que o futuro de qualquer partido nos Estados Unidos, comunista ou não, depende muitíssimo dos homens, da personalidade dos homens que o controlam.

Sou completamente a favor da responsabilidade, da responsabilidade pessoal.

Não consigo compreender como o princípio do materialismo ou da metafísica tem a ver com o fuzilamento de crianças de três anos. Não consigo compreender a invasão de um país por outro (...) o programa de todo o grupo de idealistas, sejam moscovitas ou democratas, ou, ainda melhor, plutocratas, leva à dissolução dessa nação ou dessa raça? Seria um campo de investigação muito interessante.

A supressão, para todos os efeitos material e prática, de todos, ou quase todos, os governos sul-americanos, não parece concordar muito com essa dissolução das aspirações internacionais por parte do Komintern. O enxerto, não no rebento, mas na parte morta e gangrenada dos usurocratas londrinos, estendeu-se a uma grande parte dos continentes. Trata-se, naturalmente, de uma acção espectacular contra a opressão económica - opressão económica, pretérito presente da agressão económica - da plutocracia londrina.

Tudo isto podia levar-nos ao melhor.

Os Estados Unidos não caíram em coisa semelhante ou talvez pior que os métodos britânicos de finais do século dezoito, incluindo o alistamento forçado de marinheiros. Mas na... decomposição da plutocracia e da usurocracia americanas, quem pode garantir seja o que for?

Além disso, quem garante que os Estados Unidos irão pôr o *New Deal* sob controle local?

Tenho tantas coisas para dizer que me é extremamente difícil subdividi-las em breves conversações de dez minutos.

Já pensastes no controle russo sobre os Estados Unidos? Sobre os Estados Unidos da América e sobre os Estados Unidos da Europa?

Quem nos garante que os Estados Unidos irão em algum momento conseguir ter o Kansas ou o Illinois sob o controle de cidadãos dos estados da União Americana?

E apesar de actualmente se enviarem homens dos Estados Unidos para assumir o controle da antiga Pérsia, hoje Irão, grandes zonas dos domínios britânicos caíram rapidamente sob a hegemonia de Wall Street.

O que não irá suceder às pessoas que hipotecaram as suas próprias terras em favor do monopólio do leite?

É Ezra Pound que vos pergunta.

26 de Junho de 1943

(SEM TÍTULO)

Fala Ezra Pound. Aqui a Voz da Europa.

Se vivêssemos um tempo normal, escreveria cartas a umas poucas de pessoas, oito ou dez, doze, vinte e quatro, sobre as quais qualquer um de vós podia invocar argumentos particulares.

Por exemplo, escreveria a Otto Bird. Penso que agora já será Dr. Bird, e vive no Canadá. Não me lembro em que universidade, mas ele foi condiscípulo de Étienne Gilson que, entre outras coisas, escreveu em francês uma inestimável história da filosofia medieval.

Mandei ao Dr. Gilson algumas belíssimas fotografias de manuscritos; manuscritos únicos, que contêm as notas de Del Garbo sobre a canção de Cavalcanti *Mulher que me Suplica.*

Cavalcanti, amigo de Dante; aquela poesia é de grande valor.

Passei muito tempo a traduzir e a publicar as poesias de Cavalcanti e a fazê-las acompanhar de uma biografia.

Quero dizer, reprodução fotográfica dos manuscritos com o objectivo de mostrar o que realmente conhecemos e poderemos conhecer sobre um dos mais notáveis poetas que já existiram, distinguindo o que pode ser acertado e o que não pode. Que foi feito do rascunho do trabalho? Não existem manuscritos autografados, apenas cópias sucessivas e edições posteriores aos manuscritos, alguns dos quais editados sob a supervisão geral ou por iniciativa de Lorenzo de Medicis.

Estes assuntos podem parecer demasiado especializados.

No entanto achei-os interessantes e, se não fosse esta malfadada guerra, teria escrito ao senhor, ou doutor, Bird, Otto Bird. Estava a redigir uma tese sobre o referido comentário de Del Garbo - que não tem qualquer relação de parentesco com Greta - para pôr em relevo tudo o que eu disse sobre o pensamento geral de Guido, sobre a probabilidade dele ter lido Aviceno e sobre as suas ideias a respeito das questões vitais que as melhores inteligências do seu tempo sustentavam.

Bem, é necessário pôr uma certa atenção na terminologia.

Queria agora acrescentar alguma coisa ao que disse relacionado com a metafísica de Aristóteles - quero dizer, com o trabalho de Aristóteles intitulado *Metafísica* - para afirmar que, provavelmente, Cavalcanti extraiu quase integralmente de lá a sua terminologia. Del Garbo refere-se a Aristóteles e ao seu tratado e, quiçá por isso, Bird fez outro tanto.

Conseguiremos nós pensar melhor?

Pensamos com mais clareza?

Ou o desvirtuado progresso da ciência confundiu-se intelectualmente e mergulhou numa confusão ainda maior?

Não. O comentário a uma poesia medieval não pára aqui, da mesma maneira que as investigações de Frobenius não se limitam a esculturas africanas ou a um desenho rupestre pré-histórico.

Grosseteste ao escrever sobre a luz ocupa-se dos ideogramas do sol e da lua e das fontes do testamento de Confúcio. Entre parêntesis, se os bispos medievais britânicos eram tão inteligentes como Robert Grosseteste, há que reconhecer que o nível de inteligência do episcopado britânico degenerou bastante.

Digo degenerado; degenerado desde então.

Naturalmente, Bird não foi a única nem a mais importante das pessoas que escreveram sobre isto. Estou a referir-me apenas ao argumento que mais me interessou nos últimos tempos.

As guerras interrompem este género de coisas. Em geral fazem baixar o nível da vida; da vida civil. No que a mim se refere, a minha contribuição teve que ser reduzida em parte. Não digo que isto importe demasiado, mas importa o conjunto destas contribuições europeias para a vida civil ou para a vida intelectual americana. Fizestes confusão com a deterioração de parte do material humano americano.

A última edição do meu *The Great Learning* está em italiano, não em americano, como a primeira. E inclui o texto chinês. E não sei muito mais agora que na altura em que Glenn Hughes imprimiu a primeira versão no seu álbum universitário. Pois bem, aquele livro, uma continuação do *Ta Hsio,* está escrito em italiano.

Não tivestes a minha tradução da novela *Petimetre,* de Enrico Pea.

Creio que se fez alguma coisa a propósito do manuscrito de George Santayana; uma prova, ou coisa assim.

Mas as outras vozes continuam mudas.

Dizeis que estou a perder alguma coisa. Não o nego. Não tenho notícias de Eliot nem de Cummings. Se me escreveram, terei de esperar. Conseguistes piorar a situação. Depois de tudo, o contacto imediato conta menos, talvez, para um homem da minha idade que para um homem mais novo. Compreendem-se os «costumes», mas estes, ou acaso a sua ausência, produzem talvez menos fastio à actividade intelectual.

Há oito anos, ou lá quando foi, Sam Putman pediu-me notícias sobre os escritores italianos, sobre os escritores vivos. Quero dizer, escritores não conhecidos, como Pirandello.

Basil Bunting quis traduzir Firdusi, mas nenhum editor inglês ou americano o apoiou.

Vislumbro uma certa claridade; quero dizer que o estilo italiano se vai clarificando.

Scarfoglio escreveu. Carlo Scarfoglio, cujas notas políticas já talvez tenhais escutado através destes microfones, escreveu um prólogo que coincide quase ao pé da letra com as minhas ideias sobre escrever.

Não há dúvida: dois homens que se puseram em movimento em pontos de partida diferentes chegaram à mesma conclusão. Scarfoglio começou por traduzir Ésquilo e fê-lo de maneira egrégia. Claro como um cristal. Juntamente com o seu *Hino a Demétria*... (...) a Demétria.

Deveis estar lembrados que Doc Rouse definiu o grego como uma necessidade da vida civil. É verdade. E o mesmo vale para o latim. É tempo de se confrontarem estes tópicos.

Talvez vos agradasse que D. H. Lawrence tivesse realçado nestas coisas a diferença entre o sentido europeu e o especificamente italiano.

Isso fica demonstrado pelo próprio facto de eu estar a falar nesta rádio. Deve-se isso ao sentido italiano da civilização.

Considerai uma atitude especial como a minha, como a dos outros escritores. Armando Carlini, por exemplo, certamente, escreve como ele próprio procede.

As relações deviam conservar-se com guerra ou sem guerra. Deviam continuar as exposições de pintura, devia continuar a melhorar-se em cada país a crítica não universal, mas no terreno onde a concorrência é útil.

Já disse antes que da Inglaterra ou da América não me chega qualquer indício de um sentido parecido de civilização.

Os melhores escritores ingleses e americanos não falam pela rádio, único meio de comunicação que resta. Os microfones americanos desceram ao nível de Hollywood.

Podeis remontar até à decadência da integridade da chamada melhor imprensa americana. Decadência do sentido de responsabilidade para e pelo pensamento, para e pelo pensamento da nação americana...

Esta noite não tive tempo de me ocupar de política, apesar de desejar fazê-lo. Mas também ninguém aqui me pediu tal coisa.

Gostava de fazer um pequeno catálogo das mentiras e das burlas mais visíveis... Com isto quero dizer, dar caça aos numerosíssimos parasitas que a trapaceira Inglaterra impõe aos outros. Embora a Inglaterra não goste que a Europa lhos imponha a si.

O senhor Wells mostra-se piedoso e tenta promover o livre comércio ao ver-se corrido pelos bolchevistas, que ameaçam continuar e utilizando os métodos mais brutais do Bolchevismo.

Tudo isto é instrutivo, mas num plano mais popular, ou, em certo sentido, deveria dizer, talvez, menos popular.

24 de Julho de 1943

ÍNDICE

A Voz da Europa 5

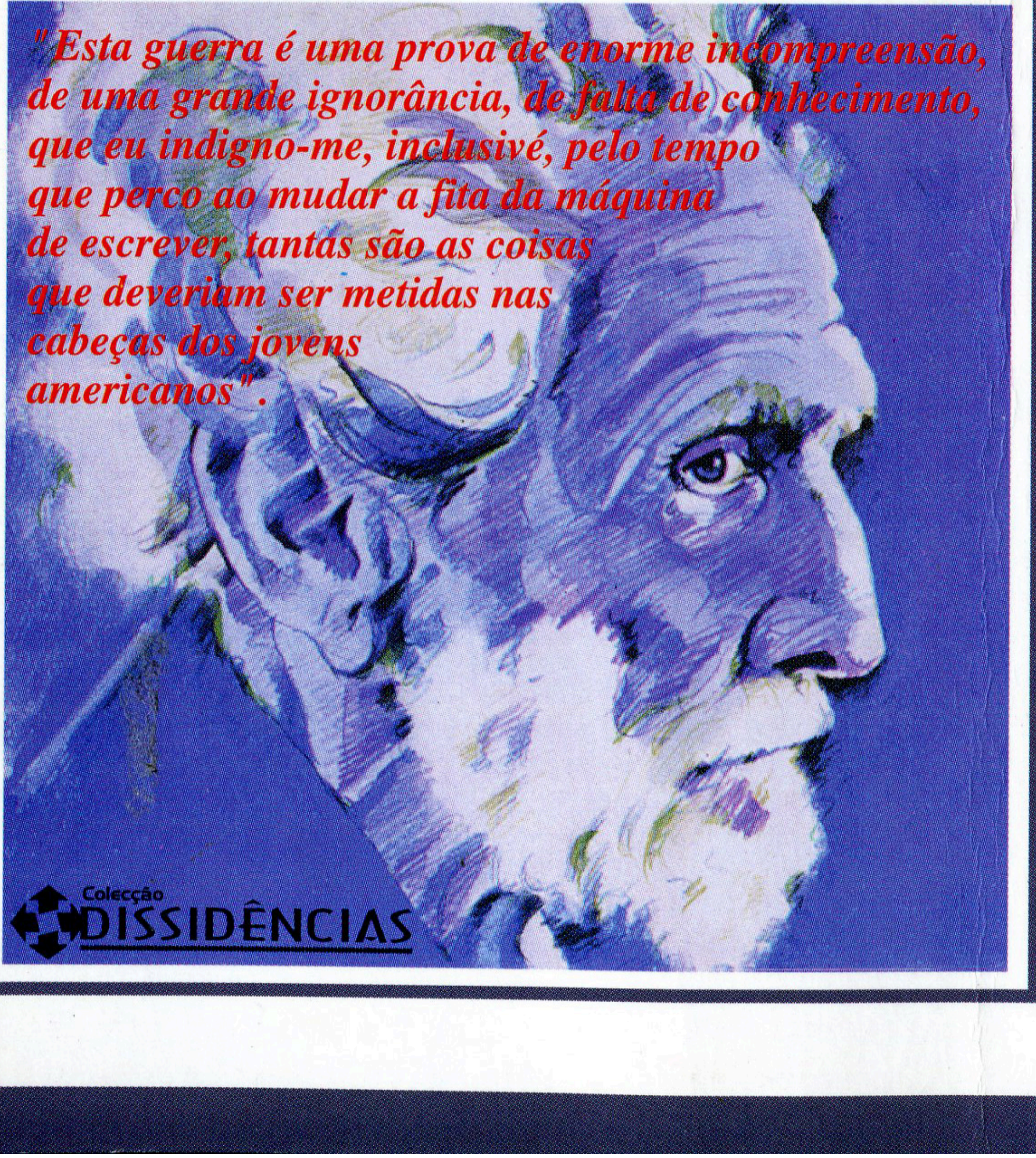
Primeiros apontamentos sobre Pound e o Fascismo 11

AQUI A VOZ DA EUROPA. FALA EZRA POUND 19
Os Famosos Parêntesis 21
O Modelo 27
Questão de Motivo 33
Universalidade 39
Com Atraso 45
Com os Fantasmas 51
De um Principiante 59
O Gentil-Homem Decaído 67
Da Continuidade 73
Obscuridade 81
Sem Título 87
Sem Título 91
Sem Título 95

"Nenhum homem vivo pode escrever como ele e pergunto-me quantos escritores terão metade do seu talento", escrevia T. S. Eliot referindo-se a Ezra Pound. Provavelmente, Pound foi quem mais fez pela literatura anglo-saxónica, no presente século. Não só pelas suas obras mestras, como os célebres «Cantos» — Prémio Bollingen de Poesía 1948 —, mas também, por tirar do anonimato e apoiar valores como William B. Yeats, R. Tagore, Robert Frost, Wyndham Lewis, James Joyce, Eliot, etc....

Apesar de tudo isto, as suas ideias malditas — as alocuções recolhidas neste livro — valeram-lhe treze anos de maus tratos e de internamento num manicómio nos EUA. Talvez a sua única culpa tenha sido a que expressou nas palavras: "Simplesmente, quero uma nova civilização".

ISBN 972-8310-12-9
9 789728 310127



"Esta guerra é uma prova de enorme incompreensão, de uma grande ignorância, de falta de conhecimento, que eu indigno-me, inclusivé, pelo tempo que perco ao mudar a fita da máquina de escrever, tantas são as coisas que deveriam ser metidas nas cabeças dos jovens americanos".

Colecção DISSIDÊNCIAS